

# Páginas



ANO 36 • nº 46 • 2011

## Abertas

### Redes sociais e ensino: como será essa conexão?



#### Entrevista

José Salvador Faro, professor da PUC e da Umesp, doutor em Comunicação Social, conversa sobre os desafios e a prática do ensino de História na atualidade

#### Corpo e dança: o desafio do aprendizado

A linguagem corporal no ambiente escolar e a sua contribuição para uma sociedade mais crítica, artística e saudável



A Filosofia é uma das mais apaixonantes áreas do conhecimento. É ela que oferece ao ser humano ferramentas para a compreensão de si mesmo e da realidade circundante, fruto das complexas interações sociais.

# Na dúvida,

## COLEÇÃO COMO LER FILOSOFIA



**1- COMO LER UM TEXTO DE FILOSOFIA**  
Antônio Joaquim Severino

**2- COMO LER A FILOSOFIA DA MENTE**  
João de Fernandes Teixeira

**3- ENCONTRAR SENTIDO NA VIDA:**  
Propostas filosóficas  
Renold Blank

**4- INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**  
Uma odisseia da mente  
João de Fernandes Teixeira

**5- COMO LER A FILOSOFIA CLÍNICA**  
Prática da autonomia do pensamento  
Monica Aiub

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119



# leve as duas!

Conheça algumas de nossas coleções  
sobre essa tão fascinante ciência e  
adquira respostas valiosas sobre o nosso  
ser e estar no mundo!

## COLEÇÃO HISTÓRIA DA FILOSOFIA\*



386 págs.



340 págs.



322 págs.



440 págs.



384 págs.



496 págs.



288 págs.

\*Todos os títulos foram elaborados por Giovanni Reale e Dario Antiseri

**Vol. 1** – Filosofia pagã antiga

**Vol. 2** – Patrística e Escolástica

**Vol. 3** – Do Humanismo a Descartes

**Vol. 4** – De Spinoza a Kant

**Vol. 5** – Do Romantismo ao Empirio criticismo

**Vol. 6** – De Nietzsche à Escola de Frankfurt

**Vol. 7** – De Freud à atualidade

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS



## Amigos e amigas,

É com grande satisfação e alegria que apresentamos mais uma edição de **Páginas Abertas**, reafirmando nosso interesse em oferecer conteúdos sintonizados com a realidade e os desafios educacionais.

Para proporcionar-lhes temas atualizados, relacionados com o cotidiano dos alunos, conversamos com especialistas sobre as tendências das tecnologias, o ensino e as redes sociais. Afinal de contas, milhões e milhões de brasileiros conectam-se todos os dias em busca de informação, conhecimento, diversão e contatos. Mas como tais ferramentas podem colaborar com o ensino e qual o alcance das novas mídias? Conheça um pouco mais do tema em nossa matéria de capa e descubra como tirar proveito dessas linguagens a partir das opiniões de renomados pesquisadores, como Lucia Santaella, César Nunes e Lilian Starobinas.

Por falar em atualidade, confira também a entrevista sobre o ensino de História hoje, na entrevista com o professor José Salvador Faro, e aproveite suas dicas para deixar as aulas ainda mais ricas e interessantes.

Também falamos da formação de pessoas mais conscientes e participativas no mundo em que vivem. Shirley Souza comenta sobre a posição dos jovens em torno do meio ambiente e como o assunto está presente até nos gestos mais simples possíveis. Já as desigualdades e os preconceitos silenciosos da nossa sociedade são tratados por Carmen Lucia Campos: como abordar essa polêmica em sala de aula e promover o convívio entre pessoas diferentes? No caminho do aprendizado, José Nicolau Gregorin destrincha a questão da literatura infantojuvenil, suas origens, características e o perfil desse importante mercado editorial.

O corpo, a dança e a sua contribuição na escola também são temas desta edição, que entrevistou Ivaldo Bertazzo e Isabel Marques, renomados especialistas da área. Cada um deles apresentou sua visão sobre movimento, arte, educação e participação na sociedade.

Além disso, nosso “Especial Formação de Professor” está recheado de novidades e brincadeiras instrutivas. Desta vez vamos acompanhar Armando, um menino curioso que se aventura na descoberta do funcionamento do corpo humano. As atividades propõem caminhos para que cada criança consiga aprender observando seu próprio organismo.

Esperamos que vocês, leitores, aproveitem ao máximo esta edição, preparada com todo o carinho!

Desejamos ótima leitura. E até a próxima edição!

**Equipe Páginas Abertas**

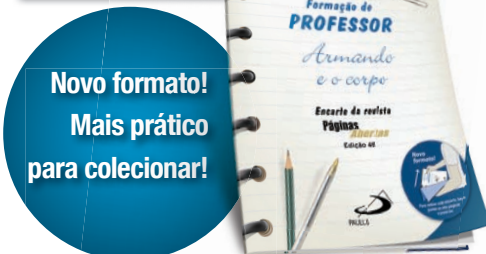
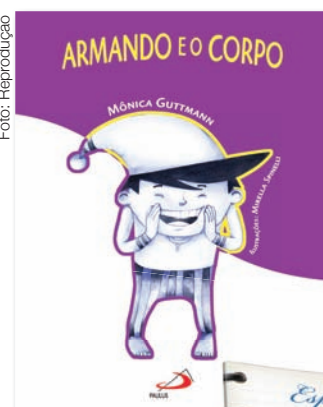
pág. **15**

#educação



Foto: Photopress

Foto: Reprodução



**Novo formato!  
Mais prático  
para colecionar!**

## Especial Formação de Professor

Nesta edição apresentamos o projeto pedagógico do livro **Armando e o corpo**, da autora Mônica Guttmann e ilustrado por Mirella Spinelli. Acompanharemos a jornada de Armando em suas descobertas sobre o corpo humano e seu maravilhoso funcionamento. O roteiro da aplicação dos estudos é de Beatriz Tavares de Souza e inclui passatempos, caça-palavras, atividades individuais e em grupo.



Ano 36 – nº 46 – 2011  
ISSN 1414-4638

**Diretor Presidente**  
Valdecir Antônio Conte

**Diretor-geral**  
Manoel Conceição Quinta

**Diretor de Difusão**  
Valdéz Dall'Agnese

**Diretor de Produção**  
Evandro Antônio Mazzutti

**Diretor de Redação**  
José Dias Goulart MTB 20.698

**Conselho Editorial**  
Dílvia Ludvichak, Ricardo Aretini,  
Simone Maximo e Marcelo Balbino

**Arte**  
Thiago Rodrigues Vieira Lucio

**Reportagem e Edição de Texto**  
Alinne Coviello e Marcelo Balbino

**Revisão**  
Chantal Scalfi Rangel

**Colaboradores**  
Beatriz Tavares de Souza, Carmen Lucia Campos,  
Claudio Avelino dos Santos, Douglas Tufano, José  
Nicolau Gregorin, Mario Sergio Cortella, Marta de  
Oliveira Santos Siqueira, Shirley Souza  
e Verussi Melo de Amorim.

**Redação**  
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091  
São Paulo – Tel: 11 5087-3742  
FAX: 11 5579-3627  
paginasabertas@paulus.com.br

**Atendimento ao Leitor**  
Tel.: (11) 3789-4000  
assinaturas@paulus.com.br  
A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação  
da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material  
dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia  
autorização. Essas proibições aplicam-se também  
às características  
gráficas dessa obra e sua editoração.  
Entre em contato conosco caso queira  
citar algum artigo.

**A assinatura da revista  
PÁGINAS ABERTAS é gratuita.  
Para mais informações,  
ligue: (11) 3789-4000**

Os artigos assinados são de  
exclusiva responsabilidade de seus autores,  
não representando necessariamente  
a posição da revista.

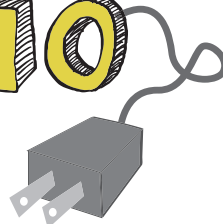
paulus.com.br



## Redes sociais e ensino: como será essa conexão?

# REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO

A tecnologia está em toda parte, bem próxima de nós, principalmente no ensino. Por isso convidamos você a se conectar a esta edição, para conhecer mais sobre a influência das redes sociais no aprendizado. Além disso, especialistas traçam tendências a respeito do tema e apontam caminhos práticos e possíveis sobre o que existe e está sendo feito. Veja também as novas experiências e as novidades para o futuro que vão transformar nossa sociedade.



## O meio ambiente de cada um de nós

Nossos artigos destacam várias ideias para reflexão e aprofundamento, como os referentes ao meio ambiente e à importância de nos conscientizarmos sobre ele. O tema está muito mais perto do que pensamos, pois surge em pequenas ações do cotidiano. Outros assuntos abordam o preconceito, as relações humanas e a sensibilização do jovem em busca de uma sociedade melhor. Leia também sobre os desafios da literatura infantil e juvenil e sua relação com o mercado editorial.



Foto: Photoxpress

pág. 12

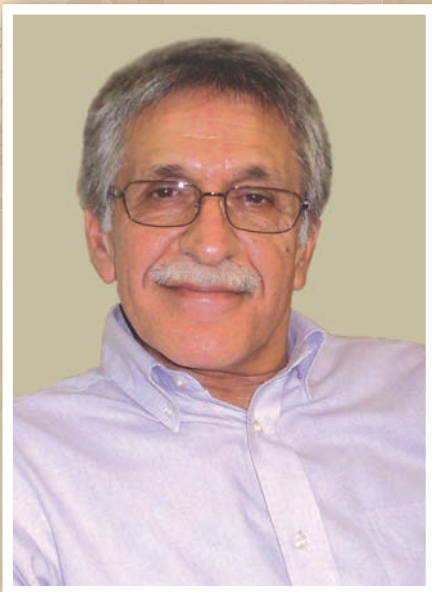
- |               |                             |
|---------------|-----------------------------|
| 6. Entrevista | 28. Ética                   |
| 9. Filosofia  | 30. Vi, Gostei e Recomendo! |
| 10. Cidadania | 32. Sala de Aula            |
| 21. Dança     | 34. Páginas Abertas Indica  |
| 26. Cultura   | 38. Crônica                 |



# História: desafios e possibilidades

A disciplina de História é fundamental no currículo escolar. O conteúdo oferecido pelas aulas pode ajudar os alunos a compreender os assuntos tratados em Artes e Literatura, coloca-os a par dos acontecimentos mais recentes e relaciona fatos passados com os atuais. Um material tão rico em cultura e informação deve ser apresentado de maneira atrativa para que os educandos se interessem mais pela matéria e possam ir além dos estudos em sala de aula. Para lecionar a disciplina de forma efetiva e obter bons resultados, cabe aos professores buscar mais ferramentas, atualizações, novas práticas pedagógicas e, é claro, muito empenho. Nesta edição, convidamos José Salvador Faro, assistente-doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor-adjunto da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), para falar sobre o assunto.

Foto: Divulgação



## **Qual a importância da disciplina de História na formação intelectual e social do indivíduo?**

Acho que a História é uma disciplina que, em suas várias perspectivas, oferece uma visão ampla das formações sociais ao longo do tempo. Isso permite ao indivíduo que procura entendê-la ter uma formação cultural sólida.

## **Em sua opinião, há dificuldades, atualmente, no ensino dessa disciplina? Se sim, por quê?**

Penso que atualmente há dificuldades para o ensino de qualquer disciplina. Os pedagogos imaginam que um currículo deva dar conta de todas as possibilidades de manifestação do conhecimento, o que sobrecarrega em demasia os estudos dos alunos. Mas também enfrentamos problemas decorrentes da crise dos sistemas de leitura e de reflexão. Isso representa uma dificuldade extraordinária para todos os professores, quaisquer que sejam suas disciplinas.

## **Quais as metodologias mais comuns no ensino de História? Existe alguma mais eficaz?**

Pessoalmente, acredito que a que explo-

ra a capacidade analítica do professor e o estímulo à reflexão do aluno, de forma dialógica e com base em elementos de pesquisa e de leitura, é a mais eficaz. Rejeito um certo deslumbramento com as novas tecnologias que não têm como pressuposto a presença nuclear do professor no processo de aprendizagem.

## **Quais ações a escola, junto com o educador, pode realizar para transmitir o conteúdo de forma interativa e diferenciada?**

Todas as formas de ensino e de aprendizagem são interativas, desde que conduzidas pelo professor com tal perspectiva. Esse fato sugere que a ideia de interatividade a partir das mídias eletrônicas não passa de mais uma possibilidade, eventualmente mais ágil e acelerada, de um processo que sempre esteve presente no ensino. A escola, quando entende a questão e não adere de forma desordenada ao deslumbramento com a técnica, deve respeitar isso a partir das demandas do professor, e não das exigências de suas políticas administrativas.

## **Abordar assuntos de maneira interdisciplinar, como relacionar o con-**



teúdo de História com o de Artes ou de Literatura, retratando movimentos de determinados períodos, pode ser uma maneira de exemplificar fatos históricos?

Esta talvez seja a possibilidade mais rica do ensino de História: analisar os processos sociais a partir das construções simbólicas dos vários períodos, naturalmente sem perder de vista os movimentos políticos, econômicos etc.

Comparar temas atuais ocorridos no Brasil e no mundo com acontecimentos históricos pode ser uma forma de fazer com que os alunos compreendam os eventos passados? Se sim, como relacioná-los?

Vejo isso com cautela, porque aprender a lidar com a linearidade do tempo também faz parte do aprendizado de História. Como recurso didático, a associação do presente com o passado, e não a mera cronologia dos acontecimentos, tem sido sempre mais utilizada pelos professores. Mas como teleologia pedagógica, isso deve ser relativizado.

Durante as aulas, nem sempre é possível apresentar todas as maneiras de compreender História e mostrar que ela não é constituída apenas por uma vertente. Como o educador pode incentivar o aluno a ter uma visão ampla e integrada da disciplina, fazendo com que ele desenvolva um senso crítico do processo?

Além da própria multiplicidade de perspectivas que o professor deve ter ao ensinar, leituras ou problematizações fundadas em “vertentes” diversas são fundamentais para a aula não se transformar em veículo de uma única visão de mundo.

Alguns alunos, principalmente os mais novos, têm dificuldades de me-



“

**(...) atualmente há dificuldades para o ensino de qualquer disciplina. Os pedagogos imaginam que um currículo deva dar conta de todas as possibilidades de manifestação do conhecimento (...).”**

”

morizar acontecimentos em ordem cronológica, prejudicando, assim, o entendimento dos fatos históricos. De que forma o educador pode ajudá-los?

Pessoalmente, trabalho sempre com acontecimentos nucleares, isto é, com eventos cuja amplitude e densidade (em quaisquer manifestações humanas) permitem fixar um momento no processo histórico. Um exemplo é a Revolução Francesa. Não há como contornar o fato de que ela ocorreu no século XVIII, em determinado contexto espacial e temporal. O resultado dessa ênfase tem sido positivo, já que meus

alunos — universitários, é bom que se diga — acabam por associar a eclosão daquele movimento com a dimensão cronológica da própria vida social (que não é uma invenção: Cronos existe). A ideia de que se possa abolir a cronologia como instância da existência é uma concessão à irracionalidade.

Houve mudanças na forma de ensinar de há alguns anos comparativamente à dos dias de hoje? Se sim, quais? Foram positivas ou negativas? Há um tipo de mudança que valorizo muito: a incorporação de novas tecnologias aos recursos usados pelo professor. Não tenho certeza se isso está ocorrendo de forma adequada à própria característica desses recursos disponíveis hoje, mas penso que sua crescente utilização vai acabar mostrando caminhos mais acertados. Essa tendência — não apenas didática, mas também pedagógica — tem se tornado reversa na direção do próprio professor, pois acaba também tendo que produzir leituras cognitivas sobre o significado dos novos meios. Mas há também uma tendência considerada negativa por mim: um certo relativismo do aprendizado da história adotado como resultado dessa crescente presença construtivista no



âmbito do ensino. Minha maior restrição a isso vem de uma constatação: a submissão do conhecimento ao método, fato que tem produzido gerações inteiras de estudantes despreparados para o pensamento abstrato, fundamental para o aprendizado da matéria.

**O carisma e a didática do professor são características que costumam**

**despertar o interesse dos alunos pelas disciplinas. Quais outras maneiras o educador pode usar para chamar-lhes a atenção para o conteúdo proposto em sala de aula?**

O melhor professor de História que tive era gago, extremamente tímido e falava nossa língua com muita dificuldade, pois era estrangeiro. Talvez tenha sido o personagem da minha vida estudantil menos carismático, e a ele estavam associadas as antivirtudes da didática. Apesar disso, sua seriedade, intensidade reflexiva, zelo pelo conhecimento que procurava transmitir e a consistência

intelectual deixavam-no longe das “estrelas” atuantes na mesma escola. Dia desses ouvi de um dirigente de uma dessas universidades particulares mediocres que se espalham pelo país uma declaração, a meu ver, sintomática: ele se vangloriava de ter contratado, diretamente de cursinhos pré-vestibulares, professores de diversas áreas para os cursos de graduação. O argumento: “a garotada precisa ficar envolvida com os mestres”. Isso é uma bobagem.

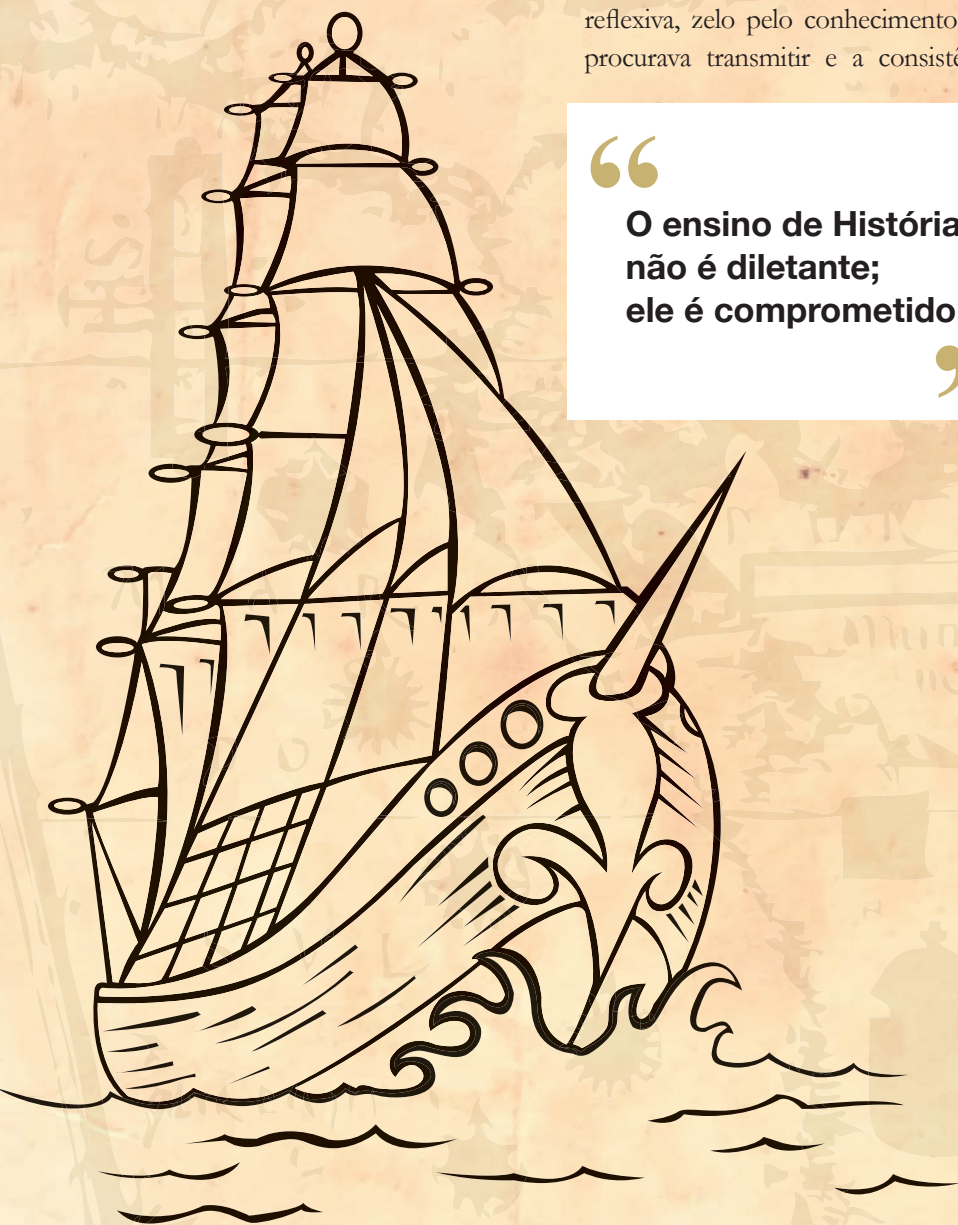
**Profissionais formados em outras áreas, como Direito e Jornalismo, também lecionam História. Em sua opinião, isso prejudica o ensino da disciplina?**

Absolutamente. O conhecimento da história e a capacidade de ensiná-la não são monopólio de quem a estudou. Qualquer que seja a origem acadêmica do professor, sua presença em sala de aula, aliada à responsabilidade de ensinar a disciplina, não pode prescindir do conhecimento conceitual e teórico-metodológico da História e da historiografia. Não há mal algum na hipótese de um historiador ser jornalista, mas ele deve saber o que é jornalismo. Vale o mesmo para os outros profissionais que se aventuram na área: o ensino de História não é diletante; ele é comprometido.

“

**O ensino de História não é diletante; ele é comprometido.**

”



\*José Salvador Faro possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1973), mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1992) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1996). Atualmente é assistente-doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor-adjunto da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Atua nos cursos de graduação em Jornalismo nas duas instituições e é docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Umesp. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, e trabalha com projetos de pesquisa em História da Comunicação, Jornalismo Investigativo, Jornalismo Cultural e ensino e pesquisa em Comunicação.



# Igualdade?

Foto: Divulgação



\*Claudiano Avelino dos Santos, coordenador editorial de filosofia da PAULUS. filosofia@paulus.com.br

Andréia estuda à tarde. Preferiu assim, para poder dormir um pouco mais, pois quando precisa se levantar antes das 7h30 fica mal-humorada. Tem 16 anos e terminará agora o Ensino Médio. Torceu o nariz afilado quando ouviu falar nessa história de “cota” para negros e talvez para alunos de escolas públicas. Achou aquilo mesmo um absurdo, pois seu pai, renomado advogado, paga mais de mil reais de mensalidade numa das escolas mais tradicionais da região para que ela tenha educação da melhor qualidade. Por isso, ela considerou que seria “injustiça” alguém tirar sua vaga simplesmente por causa da cor da pele ou por ter estudado em escola pública. Pensou: todos não são iguais? Por que privilégios para pessoas negras? Não foi ela quem inventou este país. Aliás — segue ela seu raciocínio — não foi ela quem inventou o mundo com essas diferenças, para que agora, depois de tanto investimento, sintam-se ameaçada.

Marcela é considerada uma moça bonita por sua vizinhança. É negra de belo sorriso e corpo esguio. Tem 17 anos e já está no “terceirão”. Estuda à noite, pois durante o dia trabalha como recepcionista. Enquanto o ônibus lotado percorre o caminho de volta para casa, seu corpo cansado se encosta como pode perto da porta. Sua mente, como que ignorando a absurda paisagem de humanos espremidos à sua volta, sonhava em fazer faculdade de odontologia. Onde iria estudar? Tinha visto tantas propagandas de faculdades e cursos no rádio, na TV, no metrô, nos jornais. Prosseguindo em sua utopia, idealiza que deveria estudar na universidade pública, de preferência naquele *campus* que tinha sido aberto perto de seu bairro. Não teria dinheiro suficiente para pagar mensalidade de um curso como aquele em uma faculdade particular. Entrar em universidade pública, sendo aluna de escola pública, não seria fácil. Seus olhos se encheram de esperança quando ouviu no rádio reportagem sobre a possibilidade de criarem cotas especiais para afrodescendentes. Seria sua chance. Ela queria uma vida um pouco melhor que a de sua mãe e sua avó, que não puderam estudar. Quando o ônibus passa por um quebra-molas, Marcela grita ao motorista: “Zé, pare aí, viajei um pouco e passei do meu ponto...”.

Siga-nos  
<http://twitter.com/filosofiapaulus>  
twitter



Fotos: Photopress e sxc.hu

# VIVA A DIFERENÇA!

Você já deve ter ouvido as seguintes frases: “Não existe preconceito no Brasil”; “Em nosso país, pobres e ricos convivem em paz”; “Vivemos em uma democracia racial”. Mas será que essas declarações de fato traduzem a nossa realidade?

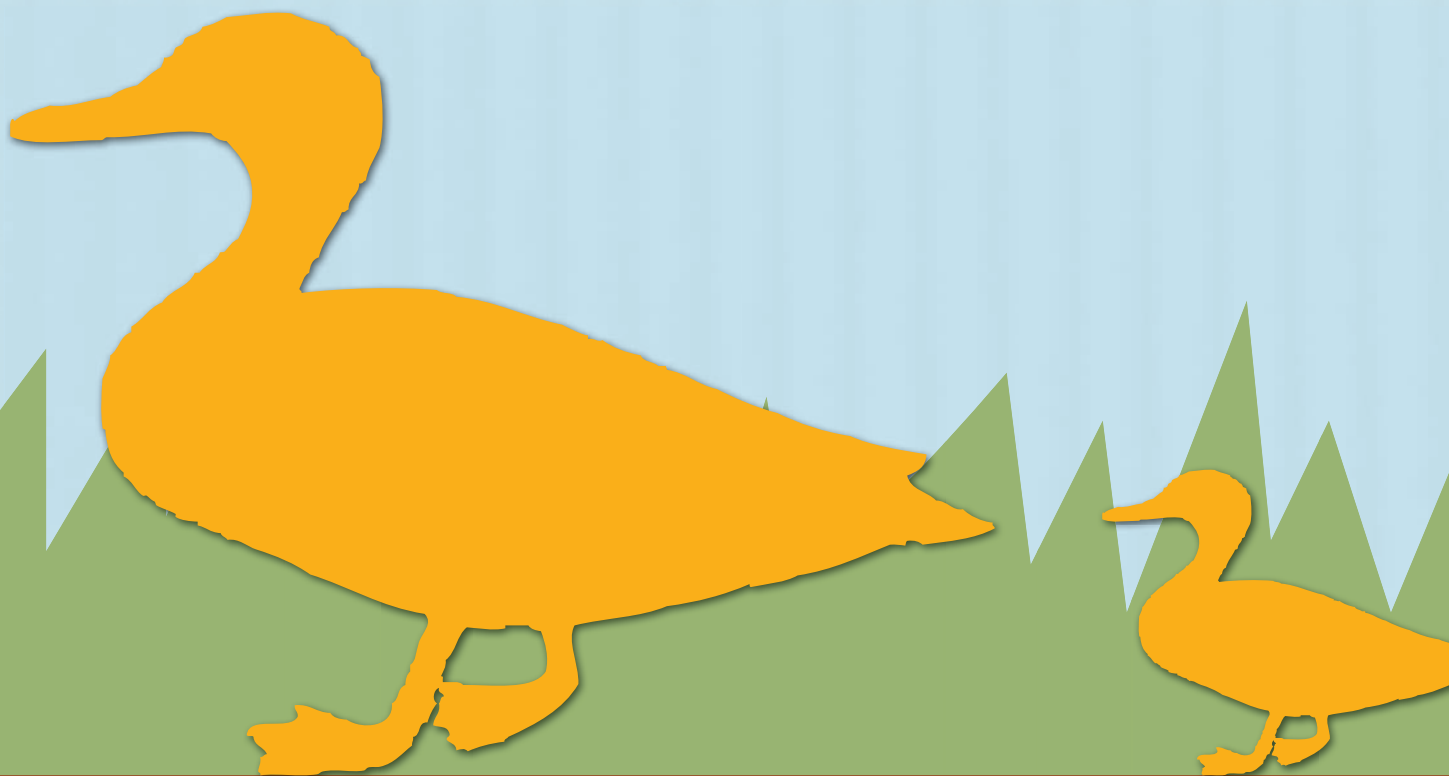
Em tempos do politicamente correto, é quase impossível encontrarmos uma pessoa que confesse seus preconceitos ou sua dificuldade em lidar com outras de classe social, etnia, grau de escolaridade, gênero e

até idade distintos dos seus. O normal é que ela rechace qualquer insinuação de que seja preconceituosa ou que se deixe influenciar por aparência física, vestuário ou conta bancária de alguém. No entanto, bastam alguns minutos de conversa para perceber que não é bem assim...

E o interessante é que, na maioria das vezes, o preconceito e a resistência demonstrados a quem não se parece com a gente manifestam-se inconscientemente: fala-se

uma coisa, mas o comportamento diário vai em direção oposta. Ou então se é traído pelas próprias palavras.

Com certeza você também já ouviu frases como: “Ela é negra, mas é bonita”; “Ele é pobre, mas é educado”; “Ela é caipira, mas é inteligente”. Essas e outras tantas “pérolas” revelam os reais sentimentos do falante. Para ele, negro e feiura, pobreza e falta de educação, caipira e burrice são sinônimos e causam-lhe espanto





situações que contrariem essas “regras”.

Todos nós sabemos que perante a lei brasileira o preconceito é crime e as discriminações são passíveis de punição. Só que na vida real essas penas raramente são cumpridas, e as denúncias, às vezes, são totalmente descaracterizadas por obra de algum hábil advogado, fazendo com que muitas vítimas desistam de ações legais contra quem as discriminou.

No mundo de aparências onde vivemos, as relações humanas frequentemente se pautam pelo que o outro tem de igual em relação ao padrão socialmente aceito de beleza e sucesso, reservando aos diferentes o estigma da inferioridade. Diante desse triste quadro, qual é o papel do educador comprometido em tornar seus alunos cidadãos mais conscientes e responsáveis por uma sociedade mais justa?

Cabe a ele trazer esse mundo real para dentro da sala e promover a discussão da sociedade de hoje e da que podemos juntos construir, com base no respeito e na igualdade entre todos, independentemente de aparência, idade, sexo ou origem.

Para que o debate seja produtivo e não se restrinja a teorias abstratas ou à mera troca de opiniões, a literatura pode ser uma grande aliada do professor. Ao mostrar uma realidade com a qual os adolescentes se identifiquem, a ficção estimula a reflexão e a avaliação crítica do comportamento alheio e dos próprios valores desses leitores.

Foi com essa perspectiva que escrevi o livro infantojuvenil *Somos todos iguais?*, lança-

mento da PAULUS pertencente à coleção “De que lado você está?”. Como indivíduo e cidadã, editora e autora, sempre tive interesse em entender a questão do diferente, das minorias, dos que gozam de menos prestígio social.

A partir da minha convivência com pes-

“ (...) qual é o papel do educador comprometido em tornar seus alunos cidadãos mais conscientes e responsáveis por uma sociedade mais justa? ”

soas dos mais variados perfis, busquei criar uma história que abordasse a diversidade, o necessário respeito a ela e a riqueza que os relacionamentos humanos sempre trazem aos envolvidos. No livro, os personagens Nei e Luciana são adolescentes pobres que estudam como bolsistas em uma escola de línguas frequentada majoritariamente por jovens ricos, como a simpática Lara e seus amigos Elisa e Roger, avessos a essa mistura de “gente tão diferente”.

Dessa proximidade, conflitos surgem: preconceitos mútuos e gestos de intolerância vêm à tona, mas também mitos são questionados e comportamentos, revistos. Além das dificuldades de convivência entre

jovens de classes sociais diferentes, a trama mostra inúmeros episódios de discriminação, motivada por aspectos diversos, como o excesso de peso, o tipo de cabelo, o bairro onde se mora, a religião que se segue, a profissão que se tem...

Para dar uma visão mais abrangente do tema, o livro traz quadros informativos ao longo da narrativa e um apêndice final. Nelles o educador dispõe de dados sobre discriminação, em suas mais diversas formas: do preconceito velado às desigualdades salariais entre homens e mulheres; da linguagem cotidiana, muitas vezes pejorativa, ao tratamento distinto dado pela mídia a infratores pobres e ricos. Também não faltam nessas seções textos que estimulam o olhar crítico do leitor sobre as atitudes dos personagens e de seu próprio comportamento, incentivando a busca de caminhos para relações sociais menos preconceituosas e mais humanas.

Espero que a leitura de *Somos todos iguais?*, complementada pela discussão das ideias suscitadas pela história e pelas informações que ampliam o tema, possa ser um instrumento de sensibilização dos jovens leitores para a construção de uma sociedade melhor, que troque a discriminação e o preconceito pelo respeito e a convivência harmônica entre pessoas, não importando quão diferentes elas sejam. Afinal, é nessa diversidade que reside a beleza e a força do relacionamento humano.

\*Carmen Lucia Campos atua no mercado editorial há mais de vinte anos. Atualmente presta serviços de consultoria e de desenvolvimento e gerenciamento de projetos para diversas editoras. É autora de mais de quinze livros infantis e juvenis e organizadora de quatro antologias literárias. Pela PAULUS, publicou *Somos todos iguais?* (da coleção “De que lado você está?”) e *Quem fez isso?* (da coleção “Descubra se for capaz!”). Em 2008, ganhou o Prêmio Jabuti pela coleção “(EN)Cantos do Brasil”.

# O meio ambiente de cada um de nós

Antes de as mudanças climáticas e suas consequências tornarem-se presença diária nos meios de comunicação de massa, “meio ambiente” já era um tema transversal presente no currículo escolar.

Sua abordagem como uma área do conhecimento que perpassava as disciplinas curriculares inicialmente pareceu um desafio para matérias, aparentemente, pouco relacionadas ao assunto, como língua portuguesa ou matemática.

No entanto, as mudanças enfrentadas em nosso planeta acentuaram-se e colaboraram para evidenciar que nossa relação com o meio ambiente é muito mais direta do que estávamos acostumados a pensar. As reflexões, antes abstratas, tornaram-se exemplos concretos e vivenciados em todo o planeta, seja em um país distante, seja em nosso próprio bairro.

A oferta de material disponível para o uso em sala de aula multiplicou-se, e os professores das mais diversas disciplinas encontraram caminhos para relacionar o estudo do tema com sua área de conhecimento.

Mas o desafio permaneceu: como fazer do estudo do meio ambiente algo que realmente motive o jovem e não seja apenas mais um tópico do currículo para ser estudado sem manter qualquer relação com sua vida cotidiana?

Acontece que esse desafio está enraizado em outra realidade mais complexa: ainda hoje, é muito comum vermos crianças e adolescentes falando de meio ambiente como sendo algo existente “lá longe”, nas

florestas, no oceano, na natureza intocada. É frequente o jovem não se dar conta de que ele está inserido nesse meio ambiente tão carregado de problemas, tão atacado pelo progresso a qualquer preço que nós, humanos, buscamos por tanto tempo.

Conscientizá-lo de que o lugar onde vive, estuda e passeia faz parte desse grande meio ambiente e de que ele mesmo está inserido e intimamente ligado a esse conceito não é tarefa simples. Tampouco convencê-





-lo de que pode ter um papel ativo frente a problemas aparentemente insolúveis, gigantescos, mundiais, que nem mesmo grandes especialistas conseguem solucionar. Afinal, o que um jovem pode fazer em relação ao aquecimento global, ao derretimento das calotas polares, à poluição do ar nos grandes centros urbanos, ao desmatamento, aos derramamentos de óleo nos oceanos, ao lixo que se acumula e polui solo e água?

O desafio continua sendo grande para os educadores, mas é de extrema importância na formação do cidadão esse tipo de consciência, esse processo de reflexão no qual cada aluno se perceberá como parte do planeta, como responsável pela recuperação e preservação do que ainda não foi destruído.

Usar uma obra de literatura juvenil para sensibilizar esse adolescente e apresentarlhe alternativas de ação e mobilização é um recurso muito interessante, pois pode abrir portas para o desenvolvimento de um

projeto pedagógico bastante aprofundado e totalmente relacionado à realidade na qual o estudante está inserido.

Para um livro conquistar uma cumplicidade com esse público não é fácil. É necessário ser realista, aproximar-se do universo

“  
**(...) como fazer do estudo do meio ambiente algo que realmente motive o jovem (...)?**”

dele, utilizar uma linguagem coerente ao conhecimento de mundo desses leitores. Nesse sentido, o texto ficcional pode ser um instrumento didático bastante eficaz. Ele chama a atenção do leitor para situações que podem se aproximar de realidades experimentadas por ele. A leitura mostra que conceitos abstratos, como desenvolvimen-

to sustentável ou consumo consciente, são práticas concretas, possíveis de ser identificadas ao nosso redor e, melhor, reproduzidas em nossa rotina.

Enquanto autora de livros infantojuvenis, meu maior desafio é trazer esse conteúdo teórico para a nossa realidade cotidiana, mostrando as relações entre o que vemos nas notícias e nos documentários com o universo conhecido por nós. Fazer tudo isso de um jeito envolvente, com linguagem e narrativa fluentes, é a base para uma obra infantojuvenil conseguir falar diretamente com o leitor.

Também é essencial ir além, ampliar o conteúdo dominado pelos estudantes. Isso pode ser feito de diversas formas: por módulos informativos (que na coleção “De que lado você está?” aparece na forma de boxes de conteúdo), pesquisas, leituras indicadas, aulas interdisciplinares, enfim, por um trabalho conjunto entre o material paradidático e a ação do educador em classe.

Somente unindo essa experiência do real, essa transposição do teórico para o cotidiano, à ampliação do conteúdo já conhecido e dominado por eles é que o professor pode ir além, pode fazer o estudo do tema deixar de ser um tópico de sua disciplina e passar ao status de experiência de vida.

Aqui se concentra a maior importância do trabalho com o tema “meio ambiente” em sala de aula: levar o estudante a agir no meio em que vive e fazê-lo perceber as consequências de suas ações, reconhecendo-se como ser responsável e capaz de, por meio de pequenas atitudes, transformar a realidade da qual faz parte — processo essencial para o futuro de nosso planeta e que somente o educador é capaz de concretizar.

\*Shirley Souza é formada em Comunicação Social (ECA-USP), já trabalhou como educadora em colégios particulares e há 15 anos atua no mercado editorial criando material paradidático para os Ensinos Fundamental e Médio. É autora de mais de vinte livros infantojuvenis. Em 2008, ganhou o Prêmio Jabuti com a aventura ecológica *Caminho das pedras* e o Prêmio Jóvenes del Mercosur (Argentina) pelo livro *Rutina (nada normal) de una adolescente en crisis*. Pela PAULUS, publicou os livros *Onde fica o meio ambiente?* e *Um caso muito sujo*.







## Excelência em comunicação social reconhecida

Com apenas 5 anos de existência, a Fapcom é classificada como uma das melhores faculdades de comunicação social da cidade de São Paulo

Fundada em outubro de 2005, a Fapcom, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação é uma instituição voltada para a Comunicação Social e vinculada a uma das maiores empresas de comunicação multimídia do país, a Editora Paulus.

A FAPCOM oferece cursos de graduação com habilitações em Jornalismo, Rádio e Televisão, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, além do curso de extensão para a Terceira Idade. A faculdade procura unir a reflexão humanística às novas tecnologias, buscando conhecer e aprofundar a cultura da comunicação, formando, assim, bons profissionais para o mercado.

### Classificação dos cursos de graduação, segundo o MEC

No último dia 13 de janeiro de 2011, o Ministério da Educação (MEC) divulgou a classificação dos cursos de Ensino Superior do país, resultado da avaliação de desempenho dos estudantes, de infraestrutura e instalações, de recursos didático-pedagógicos e da titulação do corpo docente das Instituições de Ensino Superior.

A Fapcom obteve a seguinte classificação para seus cursos:



Jornalismo



Publicidade e Propaganda



Rádio e TV

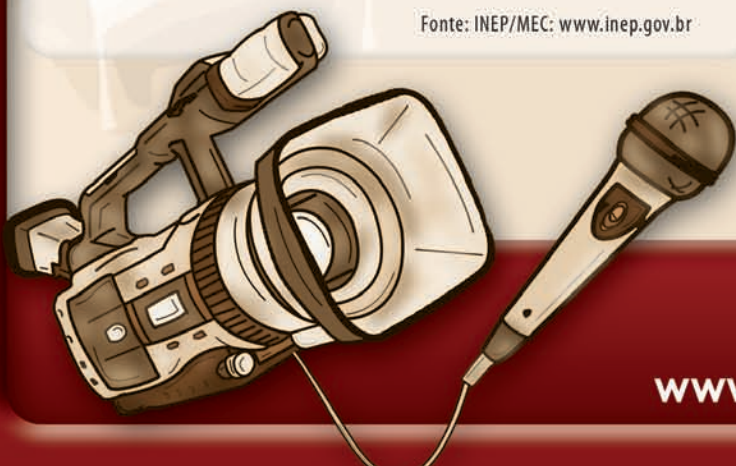


Relações Públicas

Fonte: INEP/MEC: [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

### Razões para escolher a Fapcom:

- ✓ corpo docente formado por profissionais do mercado, especialistas, mestres e doutores;
- ✓ programa de incentivo à pesquisa científica e agência de comunicação integrada;
- ✓ estrutura de 14 mil m<sup>2</sup> com alta tecnologia e conforto;
- ✓ auditório com 470 lugares, salas de aula para 40 alunos e *home theater*;
- ✓ 4 laboratórios de informática e estúdios de Rádio, Televisão, Edição e Fotografia;
- ✓ biblioteca, videoteca e hemeroteca informatizadas, com mais de 60 mil títulos;
- ✓ acompanhamento *online* de notas e de presença;
- ✓ localização próxima às estações de metrô Ana Rosa e Vila Mariana, com estacionamento próprio e acesso a portadores de deficiência física em todo complexo.



Rua Major Maragliano, 191 - São Paulo - SP

Próximo ao metrô Vila Mariana e Ana Rosa

[www.fapcom.com.br](http://www.fapcom.com.br) - 0800 709 8707

# Redes sociais e ensino: como será essa conexão?

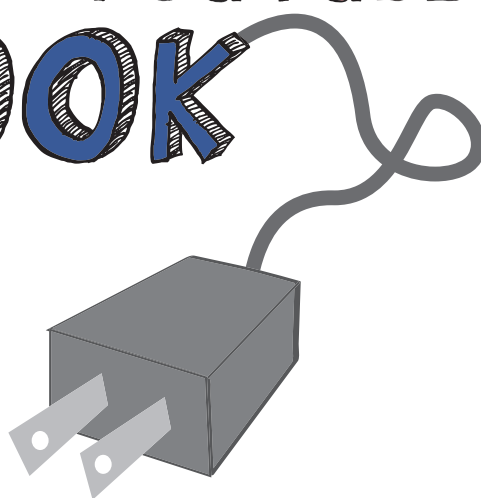
*O Brasil é um dos países que mais utiliza as redes sociais digitais em todo o mundo. Mas qual o impacto dessas ferramentas no segmento educacional e o que esperar delas para o futuro?*

ORKUT MSN

EDUCAÇÃO

TWITTER LINKEDIN  
YOUTUBE

FACEBOOK





Desde as pequenas ações do cotidiano, inclusive aquelas que muitas vezes nem percebemos, até as mais complexas, nos defrontamos com processos informatizados. No segmento da comunicação, nunca tanta gente teve acesso instantâneo e possibilidade de interação com o universo de tecnologias digitais e globais. Os dados muitas vezes são confusos e mudam rapidamente, mas, para se ter uma ideia, o Brasil é um dos países com o maior número de usuários de redes sociais em todo o mundo: dos cerca de 74 milhões contabilizados na Internet, praticamente todos acessam algum tipo de rede social.

Ao tratar o assunto é necessário ter em mente que o cenário das novas mídias está em constante transformação. No segmento da tecnologia, programas, equipamentos e novidades atropelam-se e renovam-se quase todos os dias. Ainda na história recente, vivenciamos o fim do disquete, fios, teclas e comandos, estes agora realizados apenas por toques ou movimentos corporais. Os mecanismos ficam cada vez mais invisíveis e eficientes. A tecnologia ajuda a dar voz democrática para quem faz parte dessa sociedade e, de certa forma, exclui os que ainda não tiveram acesso a ela. Mas o que pode, deve ou já mudou no sistema de aprendizagem a partir do Facebook, Twitter ou Youtube? Como tirar o melhor proveito dessas ferramentas para o ensino? Essa conexão inicia-se com a definição das redes sociais, que surgiram há pouco mais de dez anos e crescem vertiginosamente, todos os dias.

Quando se aborda o conceito das mídias sociais, deve-se ter



Lilian Starobinas

em mente que tais redes não foram criadas com o propósito de auxiliar o sistema de ensino, como explica a professora Lilian Starobinas, bacharel e mestre em História, doutora em Educação pela USP e pesquisadora do uso das tecnologias da educação. “As redes sociais não foram inventadas especificamente para a educação. Não era esse o objetivo principal.

Mas, como fazem parte da nossa sociedade, também podem colaborar com a aprendizagem em algumas atividades. Isso só ocorre quando elas conseguem enriquecer, de alguma maneira, os formatos e conteúdos aplicados aos alunos”, comenta Lilian.

As mídias sociais, como o próprio nome já diz, propõem uma sociedade participativa, com as pessoas mais sintonizadas.



Por meio das redes é possível interagir rapidamente sobre determinados assuntos, gerar opiniões e promover uma “reunião” em torno de ideais comuns. As pessoas podem, por exemplo, enviar comentários, convites, notícias atualizadas instantaneamente ou mesmo “provocar” mobilização em torno de temas comuns. Uma simples foto de um buraco de rua ganha peso quando divulgada para a mídia e compartilhada em uma sociedade em busca de solução.

“Creio que a partir da utilização dos meios sociais as pessoas também podem ter ganhos que muitas vezes não são diretamente descritos. Elas desenvolvem um tipo de sintonia e ficam ligadas na cultura do momento”, avalia Lilian.



## Rede social: o grande ponto de encontro

De forma geral, as redes sociais são caracterizadas pela reunião de determinada “sociedade” com acesso a um endereço na Internet que serve como ponto de encontro. Ou seja, é a formação de um grupo de pessoas que se cadastram e se interconectam em torno de interesses comuns ou especiais. Ali são compartilhadas ideias, notícias, reclamações, conhecimentos, afinidades, entre muitos e muitos temas. Ao mesmo tempo, em casos como o Facebook, por exemplo, o usuário tem seu espaço individual para compartilhar informações sobre si (e para quem ele escolher), como nome, formação, idade, gosto musical, atividades que realiza, convites para eventos, experiências diversas e demais informações que se queira transmitir, discutir ou vivenciar.

### Novos formatos de aprendizagem

De acordo com a professora e pesquisadora Lucia Santaella, autora de *Linguagens líquidas na era da mobilidade* e *Redes sociais digitais — A cognição conectiva do Twitter* (este último em parceria com Renata Lemos), ambos publicados pela PAULUS, as redes sociais estão dando origem à aprendizagem ubíqua. Tal conceito reside nos processos de aprendizagem abertos, espontâneos, assistemáticos ou mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes. Isso só é possível porque o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite. Por meio dos dispositivos móveis, à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. “É para essa direção que aponta a evolução desses aparelhos, atestada pelos celulares multifuncionais de última geração. Os equipamentos tornam absolutamente ubíquos o acesso à informação, à comunicação e à aquisição de conhecimento”, prevê Santaella.

A proposta de interação digital oferecida pelas novas tecnologias não representa diretamente um modelo produtivo de ensino, mesmo com tanta facilidade de acesso. Seus benefícios só começam quando as redes sociais conseguem incrementar a experiência do aprendiz e, assim, potencializar a forma de aprender dos alunos. Ou seja, funciona de acordo com a ferramenta utilizada e seu direcionamento. “É evidente que as redes aproximam os jovens pelo entretenimento que oferecem entre eles mesmos, em suas sociedades. Tudo começa pelo viés social, de interação, diversão. Porém, não é porque o estudante utiliza-a sempre, ou

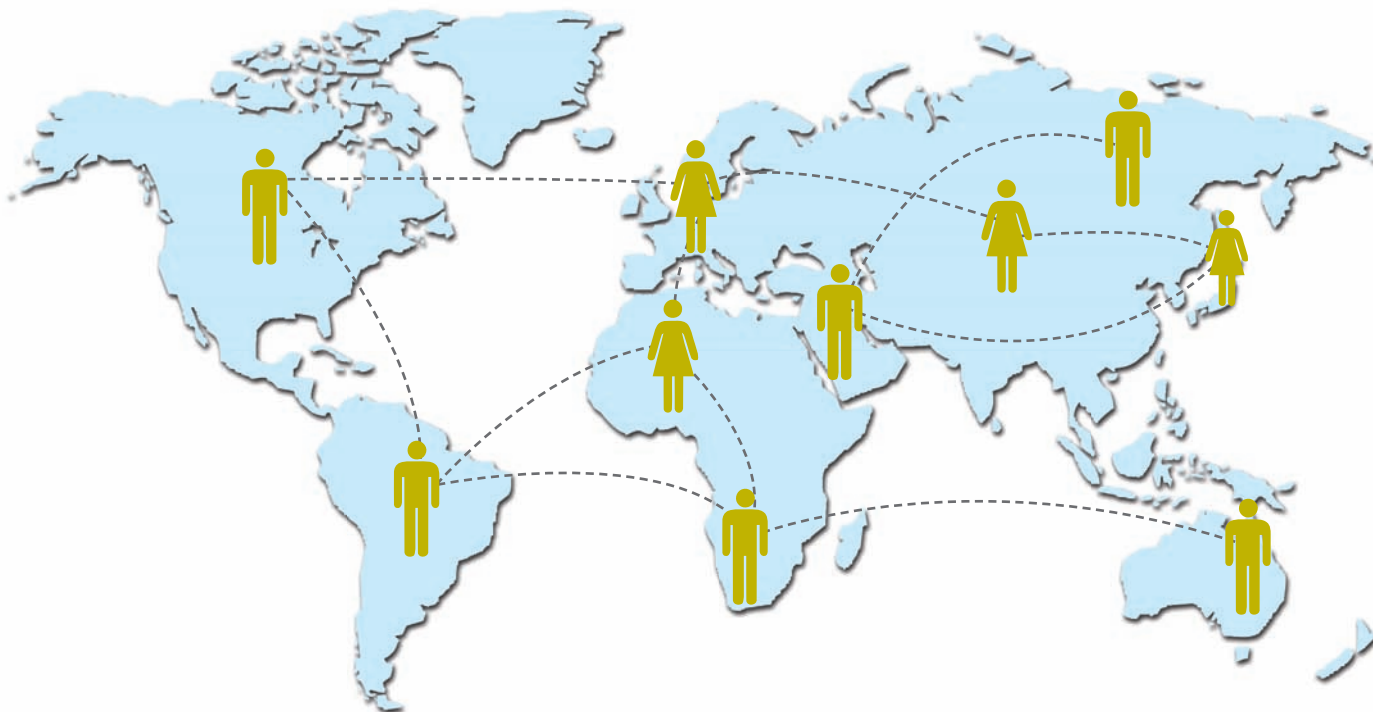
continuamente durante muito tempo, que irá aprender mais. Tudo depende da atividade realizada”, aponta Lilian.

Portanto, o desafio principal de hoje não é mensurar o quanto a tecnologia e as redes sociais estão presentes em nossos dias, mas como adequá-la e utilizar esses meios em prol do aprendizado. Afinal, eles já existem no eixo paralelo da esfera social, embora possam ser adaptados como a ponte possível rumo a experiências de aprendizado coletivo.

### Formatos que se complementam

Quando se fala em tecnologia na escola, não se trata de um cenário de substituição ou exclusão dos moldes de ensino já conhecidos, por maior resistência que a tecnologia enfrente por parte dos professores. “Na cultura e na educação a regra é somar, e não diminuir. Isto se dá porque nenhuma tecnologia da linguagem da comunicação borra ou elimina as tecnologias anteriores”, afirma Santaella, que acabou de escrever o seu 38º livro. A pesquisadora acredita que as redes sociais e o Twitter devem ser encarados como ferramentas de trabalho, instrumentos auxiliares ou complementares. Como exemplo ela cita o aluno que falta por motivo de saúde ou viagem, mas consegue acompanhar a aula seguindo os links publicados no Twitter. O professor também pode interagir e enviar aos alunos, durante a semana, conexões importantes sobre os assuntos que eles estão estudando, ou até mesmo vice-versa. Essa é considerada uma virada significativa no mundo digital, porque os alunos também podem trazer informações que o próprio professor não tinha.





A professora Lilian utilizou o site Delicius, que oferece serviço *on-line* de pesquisas sobre qualquer assunto. Com ele é possível compartilhar o mecanismo de busca entre os membros da comunidade e visualizar os favoritos dos integrantes. “Trabalhamos as aplicações da realização de um projeto acadêmico por meio dos favoritos *on-line*. Dessa forma tínhamos informações dos endereços que os alunos estavam usando em suas pesquisas e trocávamos ideias sobre onde buscar as mais adequadas”, lembra Lilian.

Com o acesso rápido e fácil, discute-se também a qualidade das informações, as fontes de pesquisas e como acessá-las. No contexto desses conteúdos da Internet, o crítico e pensador alemão Walter Benjamin (1892-1940) já dizia, na primeira metade do século XX, que aquilo que não pudesse ser condensado não resistiria ao nosso tempo. “Quer prova maior que o Twitter? Claro, sua maior riqueza encontra-se nos *links*, mas ele nos permite uma comunicação acelerada e funciona como a ponta de um *iceberg* nessa imensa teia de conexões dentro da qual ele nos coloca”, explica Santaella.

Ainda sobre o Twitter, a professora Lilian Starobinas também visualiza alguns benefícios para os alunos mais familiarizados com a ferramenta. “Para aqueles que estão mais acostumados com o Twitter, o instrumento pode, sim, ajudá-los a escrever de forma

mais resumida, com mais objetividade. Depois o aluno pode usar isso em seu benefício, no segmento jornalístico, por exemplo.”

Já as demais redes, como o Facebook, Youtube e Orkut, permitem aos alunos socializar o que aprenderam na escola. “O Youtube é um ótimo espaço para a criação de vídeos com resoluções de situações-problemas da aprendizagem. Também serve para ele entender o impacto que pode ocorrer quando se leva o que se aprende para fora da sala de aula”, lembra o professor César Nunes, da Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (Fafe), ligada à Faculdade de Educação da USP, e também da Fundação Oracle.

A preocupação sobre o relacionamento entre tecnologia e educação é representada desde 2002 em um relatório global chamado Horizon Report. O estudo reúne especialistas de diversos países com o objetivo de revelar as tendências do segmento para a curto, médio e longo prazo. O brasileiro César Nunes participou da primeira versão do encontro com os países ibero-americanos, entre cerca de 40 especialistas. Segundo ele, as tendências de curto prazo indicam o uso de ambiente colaborativo nos meios sociais. “Portanto, se a instituição de ensino ainda não tem atmosfera para discussões e interação de alunos e professores em espaços como o Youtube, Flickr e GoogleDocs, deveria se preocupar, pois isso

já está acontecendo de forma difundida em toda a região”, explica Nunes. Já para daqui a dois ou três anos, os olhares se voltam para a utilização tanto de aparelhos móveis, como celulares, *tablets*, *netbooks*, quanto para a de conteúdos educacionais abertos, gratuitos e licenças de uso muito flexíveis, apesar de várias instituições caminharem hoje na contramão dessas ideias. “Há muito tempo os educadores falam que a aprendizagem tem que ser significativa, conectada ao mundo em que vivem os alunos. Também dizem que os estudantes precisam assumir um papel ativo e prático no aprendizado. As redes sociais contribuem para a criação desses espaços de significação, de interação com o mundo real, de aplicação dos conceitos com os quais os alunos estão em contato”, revela Nunes.

O apelo das redes sociais no aprendizado ganha força por se tratar de uma ferramenta sintonizada com os jovens e que opera de modo “disfarçado”. Muitas vezes a pessoa aprende enquanto se socializa ou se diverte. “Todos aqueles que frequentam as redes sociais devem muito provavelmente concordar comigo que o mundo, depois delas, ficou bem mais divertido”, lembra Santaella.

A pesquisadora revela: nunca houve qualquer tipo de educação sem alguma tecnologia de transmissão e formação. A primeira tecnologia implantada em nosso corpo seria a fala. Depois veio a escrita, incrementada pelas formas de impressão pós-Gutenberg. Do século XIX para os dias atuais, o crescimento das mídias e dos signos vem se multiplicando e diversificando intensamente as tecnologias de transmissão e as possibilidades diferenciadas de formação.

As redes sociais são muito incrementadas pela possibilidade aberta de acesso e interação por meio dos dispositivos móveis. Basta um leve toque, em qualquer lugar que seja, e um mundo se abre. Portanto, “não existe mais tempo morto na vida das pessoas, nem mesmo das crianças”, sinaliza Santaella.

Por outro lado, também é impossível esquecer que o formato do ensino é sempre fundamentado em processos educativos. A formação inicial não é necessariamente ligada com a utilização das mídias sociais. Por isso, alguns especialistas apontam que o maior desafio no Brasil ainda é a concepção de bons educadores. De acordo com César Nunes, relatórios recentes mostram como as práticas de ensino são deficientes, de forma generalizada pelo país. “Se as práticas não são boas sem o uso de tecnologias, com elas também não serão. O bom educador consegue adaptar-se e fazer uso adequado dos recursos de que dispõe. Se tiver banda larga ou *software*, vai aproveitar isso, enquanto o mal educador, não”, explica. Segundo Nunes, uma maneira de reverter esse quadro é realizar a formação de professores com o auxílio *da* tecnologia, e não *para*

“

**Por meio dos dispositivos móveis, à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar.**

”

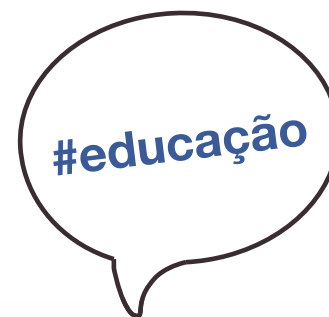


Foto: Photopress



a tecnologia. “Nos cursos de pedagogia, por exemplo, menos de 2% das atividades envolvem tecnologia”, sinaliza.

Eleitas como instrumentais mais recentes, ou “da moda”, é evidente que as redes sociais tornaram-se muito mais visíveis. Mesmo diante de atualização constante, tais ferramentas podem estar sincronizadas com modelos educacionais anteriores. De acordo com Lucia Santaella, cada forma de aprendizagem apresenta potenciais e limites próprios. Por isso, a educação a distância não substitui inteiramente a antecessora, vinda do papel. Assim como a aprendizagem em ambientes virtuais difere de ambas, a aprendizagem ubíqua não é capaz de tomar o lugar de quaisquer desses formatos anteriores. Todas elas se complementam e tornam o processo educativo bem mais rico.

Se direcionada corretamente, a tecnologia colabora para ampliar conceitos e exercitar exemplos mais próximos da vida dos estudantes. Portanto, tudo depende de como as redes sociais são utilizadas e da forma que os alunos serão orientados. “Desde que

não seja uma coisa que substitua o convívio social, como conversar pelo computador enquanto todos estão na mesma sala, entendo que os estudantes ganham outros referenciais de aprendizagem”, explica Lilian.

“

**(...) o crescimento das mídias e dos signos vem se multiplicando e diversificando intensamente as tecnologias de transmissão e as possibilidades diferenciadas de formação.**

”



## Tecnologias transparentes

O Colégio Dante Alighieri, de São Paulo (SP), aplica o uso das tecnologias de forma capilarizada em todos os seus segmentos, da Educação Infantil ao Ensino Médio. O objetivo é promover o uso das tecnologias e da informática de forma natural e “transparente”. Por isso não existem horários específicos ou disciplinas para aprender sobre o tema. A demanda surge normalmente, da própria atividade que está em curso. Para as experiências são utilizados *softwares* de prateleira, pacote Office, sistemas gratuitos, Facebook, Twitter, *blog*, além de tecnologias próprias como o Moodle (plataforma de ensino e aprendizagem a distância). De acordo com Valdenice Minatel, coordenadora de Tecnologia Educacional, tais ferramentas impactam na vida dos alunos em competências que vão além da vivência escolar. “Os alunos reagem muito bem. Como nativos digitais eles incorporam de maneira intuitiva a aplicação das tecnologias e ainda podem mostrar muitos caminhos para seu uso. Nossa avaliação transcende a tecnologia porque o foco é mesmo o processo”, destaca Valdenice. E complementa: “A questão das novas tecnologias é constante, já estamos explorando o tema da ubiquidade. Creio que temos um universo todo pela frente”.

Sair



*Especial*  
*Formação de*  
**PROFESSOR**

*Armando*  
*e o corpo*

**Encarte da revista**  
**Páginas**  
*Abertas*

Edição 46



  
PAULUS





## Armando ensina o funcionamento do corpo!

O conhecimento do corpo é uma tarefa de extrema importância para a formação da criança e a construção de indivíduos conscientes e saudáveis. O tema ganha força com a linguagem visual, e a atividade aproveita a curiosidade das crianças para mostrar-lhes algo que está dentro delas. Nesta edição, Beatriz Tavares de Souza apresenta o projeto pedagógico do livro *Armando e o corpo*, da autora Mônica Guttmann. Com ele é possível explicar de maneira divertida o funcionamento dos órgãos do corpo humano, além de abrir portas para diálogos sobre alimentação, higiene e prevenção de doenças. Entre os temas secundários, o exercício desenvolve no aluno habilidades de leitura e escrita sobre suas experiências. As crianças vão se identificar com Armando e seu caminho de descobertas.



Foto: Divulgação

### Apresentação

O livro mostra as curiosidades e descobertas feitas por Armando sobre o funcionamento do próprio corpo. Também apresenta sua busca por respostas às perguntas relacionadas ao modo como trabalha essa incrível máquina por dentro. Como são os órgãos e quais as funções por eles desempenhadas? Tais dúvidas ajudam o garotinho a prestar mais atenção e a dar ouvidos a tudo o que ocorre dentro de si.

### Justificativas

A obra direciona-se ao público infantil, e a história interage com a linguagem visual. Esse diálogo aguça a imaginação e os questionamentos dos alunos sobre a ciência do corpo humano.

### Projeto pedagógico

Como reconhecer nossos aspectos físicos e o funcionamento dos órgãos.

### Temas secundários

Higiene, alimentação, prevenção de doenças.

### Áreas do conhecimento

Língua Portuguesa, Arte, Ciência, Psicologia, Filosofia e Religião.

### Temas transversais

Ética, pluralidade cultural, saúde, trabalho, educação e meio ambiente.

### Indicação

Ciclo 1: Indicado para alunos do primeiro e segundo anos.

### Objetivos

Desenvolver no aluno as habilidades de leitura e escrita, ajudando-o a explorar os conhecimentos linguísticos e a construção de significados.

### Sugestões para atividade

Antes da leitura, sugerimos levar os estudantes à biblioteca. Busque, na seção de Ciências, algum material que possa mostrar a vida sob dois vieses: o socioeconômico e o biológico. Que influência o primeiro exerce sobre a saúde do indivíduo? Quais hábitos alimentares e exercícios físicos devem ser praticados? Como e quais são as doenças possíveis de se contrair no meio ambiente?

Busque textos em notícias, imagens ou fotos da atualidade nas quais seja possível observar a vida das pessoas: situações das moradias, convívio social, saneamento básico etc. Explore assuntos que possam estar relacionados com o tema. Compare as notícias e as imagens do cotidiano, tanto as do meio rural quanto as do urbano. Procure explicar aos alunos quais os problemas de alimentação enfrentados por uma família de baixa renda e quais doenças a falta de higiene e de alimentação adequada pode acarretar. Discuta o comportamento dos indivíduos na sociedade de hoje no tocante aos hábitos alimentares e quais as repercussões para a saúde, o desenvolvimento e o crescimento.

Organize os alunos em círculo. Solicite que cada grupo faça um relato sobre o que descobriu com a pesquisa, para em seguida montar um cartaz/painel com as informações obtidas. Oriente-os a dividir os assuntos em tópicos relevantes. Instigue-os a conversar sobre o assunto e esclareça possíveis dúvidas. Como exemplo, você pode explicar que o corpo humano possui muitos órgãos; uma vez reunidos, eles formam um aparelho, e cada aparelho existente no corpo tem um trabalho a fazer, ou seja, uma função a desempenhar (digestão, circulação e respiração).

**Título:** Armando e o corpo

**Autora:** Mônica Guttmann

**Ilustrações:** Mirella Spinelli

**Formato:** 21,5 cm x 27,5 cm

**Número de páginas:** 32

\*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.



**Pergunte:** Quais órgãos formam os aparelhos respiratório, digestivo e circulatório? O que precisamos fazer para manter a saúde perfeita? Em sua opinião, a higiene do corpo e da boca pode prevenir ou evitar doenças? Quais os hábitos saudáveis que podemos praticar antes e após as refeições?

### Iniciando a leitura

Mostre o livro aos alunos e pergunte: Você já leu outras obras escritas por Mônica Guttmann? Já viu ilustrações de Mirella Spinelli em outros livros? Onde e em que ano a obra *Armando e o corpo* foi publicada? Qual o nome da editora que a publicou?

Sugerimos desenvolver estratégias para a compreensão da linguagem escrita. Levante hipóteses e faça o monitoramento do processo de leitura. Para o estudo do texto, recomendamos também uma leitura silenciosa. Depois, estimule questionamentos e oriente a classe na busca pelos significados das imagens, das palavras, das cores, linhas e formas.

Convide-os a manusear o livro, a fechar os olhos e a passar os dedos pelas páginas sentindo a textura ou o aspecto do papel. Pergunte: Qual é a percepção sentida? As folhas são lisas, ásperas? Peça que abram os olhos e mapeiem as ilustrações. Pergunte: Quais as cores utilizadas para ilustrar os textos? Quais predominam? Você pode descrever os materiais que a ilustradora Mirella Spinelli usou? Lápis? Grafite? Pincel? Tinta a óleo? Quais?

Explique qual foi o processo de desenho utilizado pela ilustradora: figuras abstratas? Figuras concretas, humanas, geométricas? Qual desenho mais chamou sua atenção?

Ajude os alunos a interpretar algumas ilustrações, como as das páginas 4 e 5. Pergunte-lhes: Em sua opinião, o que poderia estar representando as ilustrações? As engrenagens de uma máquina? Mirella Spinelli procura comparar o funcionamento dos órgãos do corpo humano com o funcionamento mecânico de um motor? O que representariam as ilustrações das páginas 9, 12 e 13?

### Interpretação de texto

1. Quem aparece no texto? Onde a história acontece? Qual seu principal acontecimento?
2. Vamos caracterizar Armando escolhendo a alternativa que mais se aproxima de sua personalidade:
  - a. Armando é curioso, apaixonado e possui muita imaginação.
  - b. Armando não se interessa muito em saber das coisas.
  - c. Armando, além de curioso, também é ansioso. Por isso comia muito.
3. Qual foi a invenção de Armando?
  - a. Um corpo humano feito de sucata.
  - b. Um espelho que mostra o corpo do lado de dentro.
  - c. Uma máquina de produzir sangue.
4. Qual foi o maior desejo de Armando?
5. Você já sentiu esse desejo?
6. Que tipo de reação teve Armando quando viu seu esqueleto e órgãos em funcionamento?
7. Depois do susto, Armando desistiu de compreender como somos feitos?

Ainda mapeando as páginas do livro, podemos descobrir a incrível função de cada órgão. Pois bem! Complete as lacunas respondendo as seguintes questões: Para que servem os órgãos? Em quais aparelhos eles desempenham suas funções?

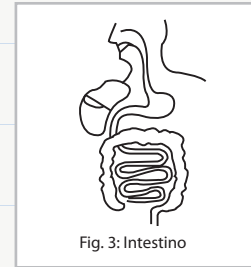
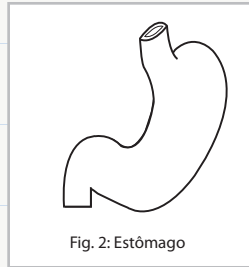
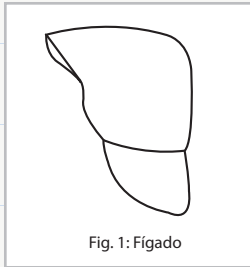




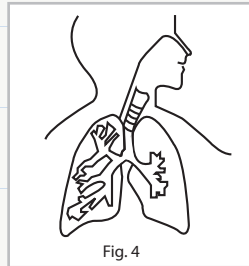
# Especial Formação de Professor

Depois, tente colorir as figuras.

8. O fígado serve para \_\_\_\_\_, pertence ao aparelho \_\_\_\_\_. No aparelho digestivo funcionam o estômago e o intestino, cuja função é digerir os alimentos e \_\_\_\_\_.



9. Pinte a figura 4 abaixo e depois responda: Em qual aparelho esse órgão realiza suas funções?



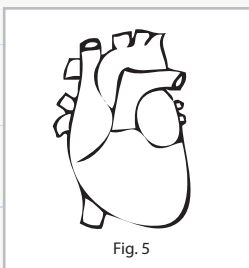
10. Depois de ler e entender o texto e a figura da página 11, preencha os espaços abaixo com palavras que deem sentido ao contexto: “Armando descobriu que seus pulmões fazem as trocas gasosas da \_\_\_\_\_. Eles são os responsáveis por uma das \_\_\_\_\_ mais importantes do corpo. A respiração é \_\_\_\_\_, e quanto mais e \_\_\_\_\_ respiramos, mais energia e \_\_\_\_\_ temos para \_\_\_\_\_.”

11. Faça como Armando! Tente ouvir seus órgãos tampando com as mãos os ouvidos.

12. Escreva o nome do(s) órgão(s) que você pôde ouvir \_\_\_\_\_.

13. Leia a página 6 para depois escolher a alternativa que responde por que o coração de Armando batia bem forte:

- a. Porque gostava muito da escola.
- b. Batia forte quando via a menina Rita.
- c. Porque Armando se assustava com facilidade.





14. Observe as figuras 5, 6 e 7 para depois assinalar as respostas que julgar corretas:
- O desenho na figura 5 representa um órgão do corpo humano, o coração.
  - O da figura 6 pode representar o coração apaixonado de Armando.
  - O da figura 5 pode representar o coração de Rita.
  - Os desenhos das figuras 6 e 7 representam um órgão do corpo humano.
  - Os das figuras 6 e 7 representam o amor que sentimos por uma pessoa.

15. Leia a página 8 e responda: Por que Armando afirma que é muito importante termos amigos de confiança?

### Vamos pintar?

- Imagine, desenhe, pinte. Qual seria a cor do seu coração batendo forte por alguém?
- Que tal colorir todas as figuras?
- Observe seus amigos, escolha um deles e depois desenhe no caderno, ou em alguma cartolina, um coração. Escolha cores entre o roxo, vermelho e preto. Pinte da cor que achar melhor para representar o que talvez seu amigo esteja sentindo:
  - Tristeza
  - Alegria
  - Amor de amigo sincero
- Repare nas figuras abaixo: cada uma representa os cinco sentidos. Identifique quais são eles e ligue os desenhos à palavra correspondente. Depois, que tal colori-las?



**TATO**



**OLFATO**



**AUDIÇÃO**



**PALADAR**



**VISÃO**

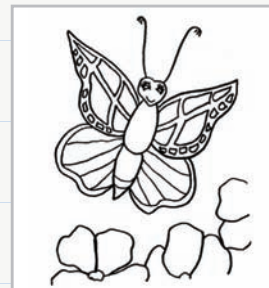
- Leia a página 12 e responda: Qual a função e a cor do sangue?
- Todos nós somos diferentes em relação ao outro, e isso é muito bom e sadio! Observe os colegas de classe e descreva as diferenças que você percebe quanto à altura, à cor do cabelo, da pele etc.
- De acordo com o livro, o que levaria as pessoas a envelhecer mais rápido?
- Segundo Armando, quais as diferenças entre o corpo humano e o dos animais?
- O que Armando observou nas pessoas mais felizes e nas mais tristes?
- Em sua opinião, o que levou a autora Mônica Guttmann a comparar o nosso corpo com a nossa casa?
  - Porque em toda casa há vida, característica igual à do corpo humano.
  - Nosso corpo deve ser cuidado do mesmo modo que nossos pais cuidam da nossa casa.
  - Uma casa, assim como o nosso corpo, tem tudo de que necessitamos.



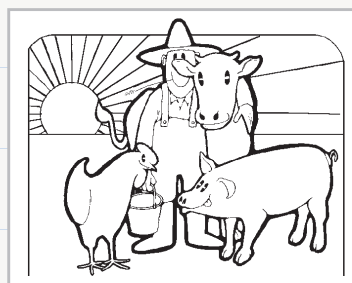
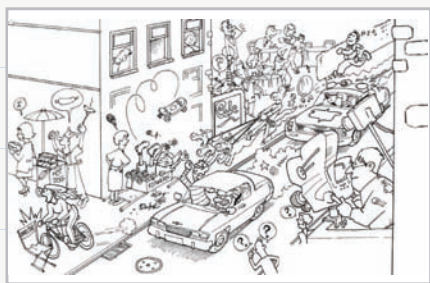




11. O que você sabe sobre mente, espírito e alma? Explique com suas palavras. Durante a explicação você pode até desenhar para expor suas ideias.
12. Qual a recomendação que o fígado fez a Armando?
13. Você seria capaz de seguir a mesma recomendação? Por quê?
14. Assinale, entre estes nomes, como se chama o órgão que filtra as impurezas do nosso corpo: sangue; coração; rins; pulmões.
15. A partir dos desenhos abaixo, descubra e escreva o nome do animal invertebrado (que não possui esqueleto).



16. Observe as ilustrações. Cada uma representa a vida ou uma doença. Pinte de amarelo ou vermelho o que pode representar a vida e de marrom ou cinza o que pode representar a doença/morte.



## Vocabulário

Sugerimos:

1. Os alunos procurarem no texto lido as palavras que não conhecem;
2. Discutir com os colegas o significado delas;
3. Verificar no dicionário a explicação/sinônimo que ele traz para essas palavras.

## Exercitando a gramática

1. Observe as palavras do texto a seguir e responda: Por que algumas palavras de sons semelhantes na fala são escritas com “m” e outras com “n”? \_\_\_\_\_ . “Ficou tão impressionado e incomodado com sua invenção, que decidi desinventar aquele espelho.”





## Caça-Palavras do Corpo Humano

D	I	G	E	S	T	I	V	O	A	H	B	L	B	A	N
B	H	G	N	O	C	V	N	H	F	A	H	J	A	P	L
M	G	K	B	A	S	H	D	F	U	G	K	K	E	G	U
O	A	S	A	B	F	S	T	M	B	V	B	R	L	D	J
A	B	B	B	A	O	G	O	B	U	B	I	O	Z	H	F
C	X	D	N	A	M	Q	B	S	B	S	B	F	V	Y	G
A	A	B	G	J	B	M	U	I	T	B	C	J	J	K	L
L	R	R	G	G	R	I	Y	A	O	M	F	U	D	V	F
U	O	V	F	C	O	G	L	H	D	G	S	J	L	M	N
C	T	F	G	L	F	T	C	V	I	R	C	X	N	A	H
I	H	H	E	G	I	G	H	K	F	G	I	Z	G	O	R
T	T	F	F	S	O	F	C	F	G	F	G	L	F	Q	W
R	U	C	M	F	U	J	I	Y	O	C	M	F	H	R	Y
A	I	O	S	H	C	R	J	J	H	V	F	R	G	J	U

Procure as palavras abaixo:

1. ÓRGÃOS
2. PERISTALTISMO
3. MUSCULAR
4. DIGESTIVO
5. ARTICULAÇÃO
6. OSSOS
7. TÓRAX
8. FÊMUR
9. QUADRIL
10. OMBRO

### Em relação às páginas 29 e 30

Sugerimos ao professor trabalhar modelagem com os alunos. Proponha atividades para criar algo que expresse a vida, a realidade do cotidiano. Peça que escolham a ilustração de que mais gostaram para depois criarem um desenho. Pode ser também uma poesia, uma frase sobre o significado do corpo. Ajude-os a elaborar uma escultura que ilustre o homem e o corpo.

### Desafios

1. Leia o trecho abaixo e depois reescreva-o, utilizando a letra maiúscula e a pontuação onde for necessário:  
 “ao acordar com todos os seus órgãos conversando dentro dele armando resolveu procurar o dr pepe seu médico para saber se por acaso estava ficando maluco”
2. Escreva outra história usando o mesmo título, mas com outros personagens, na forma de poesia de cordel. Se preferir, pode representá-la por meio da dança (hip hop), do teatro, de canção etc. Apresente-a para os demais alunos da escola.

### Um assunto leva ao outro

Comente com os alunos sobre a escassez de alimento, a fome, a miséria em algumas partes do mundo e, em consequência, o grande desperdício enfrentado por muitos países de “mesas fartas”.

### Sugestões para avaliação

Participação nas atividades e atendimento às propostas de trabalho (individual ou em grupo).

Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo oferecer subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Armando e o corpo*, da PAULUS, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

Os desenhos representados nos exercícios deste projeto de leitura foram retirados do site:  
[http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/imagens/desenhos\\_3/ciencias/cinco\\_sentidos.html](http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/imagens/desenhos_3/ciencias/cinco_sentidos.html)



*Projeto Pedagógico  
encartado junto com a revista*

# **Páginas** *Abertas*



PAULUS

*Conheça outros projetos pedagógicos  
no site: [paulus.com.br/servicos/professor.php](http://paulus.com.br/servicos/professor.php)*

# Corpo e dança: o desafio do aprendizado

**Como a linguagem corporal e artística pode contribuir com a produção dos sentidos e a formação de uma sociedade mais crítica e saudável**





# Dança



Fotos: Divulgação

Antes mesmo de aprender a ler, a criança confronta-se com a descoberta do seu próprio corpo. Tempo de exercitar sensações, percepções, formação da consciência para a vida, a sociedade e o aprendizado.

A consciência corporal e a linguagem artística da dança enfrentam muitos desafios na escola. Isso porque, muitas vezes, a arte é encarada como uma atividade “suporte” para outras áreas, e não com o cuidado que merece enquanto expressão artística, movimento e autoconhecimento. As descobertas e as noções de corpo, conceitos a ser trabalhados também pelas instituições de ensino, nem sempre recebem a devida atenção na grade curricular.

De acordo com o professor e coreógrafo Ivaldo Bertazzo, a relação entre a mecânica, o gesto humano e o aprendizado são coisas inseparáveis. “Corpo é um instrumento de linguagem, seja verbal, sonora ou gestual. É a defesa de cada um para se manter vivo, porque por meio dele detecto frio, calor, sensações de perigo e outras defesas das mais urgentes possíveis.”

Há 35 anos Bertazzo realiza estudos científicos da biomecânica humana, principalmente das técnicas de dança, percepção e vivência entre várias culturas, como as orientais e europeias. Em sua experiência, o profissional alerta sobre as recorrentes consultas que recebe de professores preocupados com a educação corporal dos estudantes. “É muito grave o índice de desconforto que se vê

em um adolescente. Digo isso porque, já nessa fase — devido a uma infância mal atendida no segmento psicomotor —, a maioria dos jovens mal consegue ficar sentada organizadamente em uma sala de aula. Na verdade, estamos construindo seres estressantes para o futuro.”

A começar pela escola, a geografia da classe também pode influenciar o desconforto entre os estudantes. De acordo com Bertazzo, os alunos não deveriam sentar em lugares fixos. Além disso, mudanças periódicas de lado e profundidade na sala, entre os estudantes, seriam ações muito bem-vindas. O modelo ideal de trabalho previsto pelo coreógrafo incorpora dois auditórios integrados, com alunos sentados frente a frente. No centro ficaria o professor, andando de um lado para o outro.

Sobre as queixas mais recorrentes, como casos de má postura, Bertazzo conta que certa vez uma professora do Ensino Médio o procurou com uma dúvida. Queria saber se deveria ou não corrigir um estudante sentado de forma esparramada na cadeira. A sugestão do coreógrafo foi para que ela se portasse da mesma forma e observasse a reação da classe. Assim que os estudantes entraram na sala, questionaram a postura da professora, achando a situação muito estranha. “Ou seja, isso incomoda os alunos também. Os estudantes vivem em conflito com o corpo e precisam de ajuda. Ainda fico surpreso em ver como a gente não percebe, no aspecto



educacional, o desenvolvimento do psicomotor como a ferramenta fundamental para a cognição, a evolução intelectual e o armazenamento de informação”, analisa Bertazzo.

No funcionamento do sistema psicomotor, explica o coreógrafo, residem as bases sensoriais que permitem exercitar a capacidade de diferenciação entre as sensações (quente, rugoso, cortante). Ou seja, são os cálculos visuais e manuais organizados constantemente pelo cérebro. Pregar um botão em uma camisa, por exemplo, é um exercício do “psicomotor fino”. Tal atividade exige toda a atenção, ou então fura-se o dedo. Em sua instituição (Escola do Movimento) os alunos realizam atividades com feijões nos dedos, ou outros trabalhos manuais considerados singelos. A flauta doce, por vezes utilizada nas escolas, também é um instrumento interessante, porque exige manipulação, postura e organização respiratória em seu aprendizado.

## A linguagem artística da dança

Anos atrás, a dança era considerada coisa de mulher. “Diversamente, hoje os meninos também dançam porque percebem que a menina tem um extremo desejo por homens dançarinos”, brinca Bertazzo, autor de *Corpo vivo — Reeducação do movimento* (Edições Sesc).

No Brasil já existem mais de vinte cursos universitários de licenciatura em dança, e aos poucos essa linguagem artística vai se aproximando da escola cada vez mais. “Muitos desses cursos começaram agora, mas apontam para um grande crescimento de profissionais capacitados a ensinar a dança em escolas”, lembra Isabel Marques, pedagoga e doutora em Educação pela USP, com



mestrado no Laban Centre, em Londres. Segundo ela, o maior desafio é a formação dos professores e conceitos de dança em nossa sociedade. “Dançar não é imitar. A técnica é necessária, mas funciona como meio para que possamos criar nossas próprias danças e com isso ‘ler’ o mundo onde vivemos de outras formas”, afirma Isabel, autora dos livros *Ensino de dança hoje* e *Dançando na escola* (ambos pela Cortez Editora) e de *Linguagem da dança: arte e ensino* (Editora Digitexto).

Para Isabel Marques, dança é arte e por isso não pode ser encarada como trampolim para outras áreas do conhecimento na escola, como melhorar a letra ou diminuir a agressividade. “Danço porque a estética, ética, cidadania, quando trabalhadas em forma de dança, de movimento cênico, podem contribuir para a produção dos sentidos, para o viver em sociedade”, diz. Na visão da professora, em cima desse conceito e da forma como a dança é ensinada concentram-se os outros estudos, em diferentes formatos, com a finalidade de ampliar a visão dos alunos de forma aberta e crítica.

A linguagem da dança desperta lentamente nos sistemas de





“

**As descobertas e as noções de corpo, conceitos a ser trabalhados também pelas instituições de ensino, nem sempre recebem a devida atenção na grade curricular.**

”

ensino, apesar de ainda enfrentar muitos desafios e desafios. A começar, muitas vezes, por vontade política ou resistência da escola em enveredar para um segmento ainda não totalmente reconhecido como convencional. Na prática são muitos os casos em que parte do colégio, ou dos pais, visualiza a disciplina como algo complementar e supérfluo. Outra necessidade é a de profissionais preparados para o ensino, dotados do real conhecimento pedagógico, e não apenas cursos rápidos de capacitação.

Segundo Isabel Marques, no segmento do ensino não constam projetos de amplitude nacional sobre dança nem nos currículos escolares nem nos PCNs, que ela ajudou a escrever em 1997. “Se pudesse, hoje faria uma grande revisão nesse documento. Ainda temos a cultura das ONGs imperando em escolas, mas é ingênuo pensar que a dança pode ser ensinada por qualquer um somente porque ele próprio dança. É preciso saber como, por que, quando ensinar. Não basta copiar, mas sim aprender a construir o conhecimento”, sinaliza Isabel.

Na visão de Ivaldo Bertazzo, a situação ideal de ensino para o trabalho do corpo seria ter na escola um fonoaudiólogo, fisioterapeuta e psicólogo. Em seguida, os professores deveriam ser capacitados, sem se desviarem das suas áreas, para olhar os alunos e conseguir detectar, por exemplo, um tipo de problema psicomotor. E aí sim, encaminhar o jovem para o profissional adequado. “O que não foi trabalhado hoje trará problemas gra-

ves de cervicais, mastigação, sucção, deglutição, manipulação manual, andar, marcha. Quando isso não é tratado os problemas retornam mais tarde, com outra gravidade, mais impacto e dinheiro para correção”, aponta Bertazzo.

Entre muitos professores é nítido o interesse pelo tema, percebido pela busca de capacitação, experiências e resultados. “Já fui a escolas em que, por falta de verba pública, os próprios professores fizeram uma ‘vaquinha’ para me pagar. Isso diz muito de um cenário que está mudando”, avalia Isabel, também diretora

do Caleidos Cia. de Dança e Instituto Caleidos, em São Paulo (SP). Bertazzo também confirma que muitos professores o procuram aflitos, com dúvidas em como lidar e atender — por meio de pequenas brincadeiras — as deficiências percebidas nos alunos. Em sua instituição, a Escola do Movimento (SP), o coreógrafo ocupa-se pessoalmente de empresas, profissionais, pessoas comuns.

Também já realizou diversos espetáculos com a população de baixa renda, inclusive fora do país, e tem grande interesse pelo segmento da educação. “Na verdade, o objetivo principal não é revelar grandes talentos. Procuramos selecionar vocações e orientar jovens humildes da periferia a encontrar caminhos para seguir, ensinando-os a estudar e trabalhar”, enfatiza Bertazzo, que, entre mais de trinta espetáculos, dirigiu e coreografou a montagem *Corpo vivo — Carrossel das espécies*, recentemente em São Paulo (SP).



## Sem limite de idade



Na Escola de Educação Infantil Ver Crescer, na Vila Mariana, em São Paulo (SP), a proposta é trabalhar com movimentos e percepções desde cedo. De acordo com Cristina Marcon Martinez, diretora e mantenedora da instituição, a ideia é que a criança consiga despertar seu gosto por várias atividades que ampliem seu acervo motor. “Nas aulas de balé e capoeira os alunos recebem noções sobre o desenho do corpo, trajetórias, localização, noções de grandeza (largo/estreito, pequeno/grande), velocidade, flexibilidade, postura, psicomotricidade”, conta Cristina. Como resultados são apontadas a socialização, valorização individual e coletiva, autoconfiança e melhora para as capacidades futuras.

Quando o assunto é experiência, Yara Pereira Nunes Galvão, de 86 anos, possui conhecimentos nos dois lados do aprendizado: como professora de música aposentada da Escola Mutirão, em Cotia (SP), e aluna regular do Método Bertazzo há 30 anos. “Quando ensinei piano, a maior dificuldade dos jovens era a postura e o relaxamento. Não dá para tocá-lo sem estar posicionado corretamente. Também dirigia o coral, e as primeiras lições eram sobre posicionamento e respiração”, observa Yara. De acordo com ela, o primeiro passo sempre é conhecer o próprio corpo, para depois realizar alguma atividade.

### VEJA +

*Corpo vivo — Reeducação do movimento,*  
de Ivaldo Bertazzo, Sesc, 2009.  
[www.ivaldobertazzo.com](http://www.ivaldobertazzo.com)

*Linguagem da dança: arte e ensino,*  
de Isabel Marques, Digitexto, 2010.  
[www.caleidos.com.br](http://www.caleidos.com.br)



# Quais são os rumos da literatura infantojuvenil e do mercado editorial?



Não é tarefa das mais simples poder discutir algumas relações entre a literatura produzida para crianças e jovens e o mercado editorial. Primeiramente é importante que se comente um pouco sobre essas modalidades textuais, a infância e a sociedade.

Antes do século XVIII existia uma separação bastante nítida do público infantil. As crianças pertencentes às altas classes sociais liam os grandes clássicos da literatura, orientadas por seus pais e preceptores; já a criança das classes mais populares não tinha acesso à escrita e à leitura, portanto, estabelecia contato com uma literatura oral mantida pela tradição.

Desde a segunda metade do século XVIII, as sociedades começaram um processo de industrialização, e novas classes sociais surgiram. Valores foram descartados em detrimento de outros novos que despontavam com o poderio econômico de uma classe emergente: a burguesia.

Nessa sociedade, sedenta de novos conceitos e técnicas e movida pelo poder econômico, iniciam-se as adaptações de clássicos da literatura, além de uma gama de histórias que tiveram sua origem em classes intelectualizadas ou populares — estas últimas mantenedoras das novelas de cavalaria e de uma infinidade de contos ainda reeditados para as crianças desse final de século XX.

Verifica-se que eles são portadores de temáticas que contêm valores humanos, já que os valores sobre os quais as sociedades são construídas não são infantis ou adultos; eles são humanos, atemporais e fazem parte do imaginário da sociedade, renovando-se constantemente e acrescentando novos elementos, num processo histórico e dialógico.

Tem-se, desse modo, um tipo de texto produzido desde que a pedagogia propôs que se publicassem textos adequados ao mundo da criança, sendo, assim, uma produção cultural retroalimentada à medida

“ (...) a função primeira da literatura (arte) é a formação do ser humano. ”

que novos valores passam a ser instaurados na sociedade.

Nesse processo histórico, construiu-se uma concepção de infância entendida como uma etapa importante do desenvolvimento humano, de seus afazeres e dos textos que devem ser lidos nesse momento da vida. Tal concepção se consolida e se transforma ao longo do tempo, principalmente por textos voltados aos pequenos e construídos *para* e *por* essa sociedade. No processo de adaptações e construções, os textos caracterizados como literatura infantil e/ou juvenil tornam-se importantes instrumentos por meio dos quais um tema pode ser veiculado na sociedade, tendo grande acolhida e utilidade nas escolas.

E o mercado editorial? Como se relaciona com esse fazer histórico? Claro que, comercialmente, a literatura para crianças e

jovens é produzida para ser consumida, e esse consumo não se faz apenas em livrarias. Pelo contrário! Ela é divulgada também por meio das adoções de materiais feitas pelos professores ou pelo ingresso em programas governamentais, mas fato é que a escola é a grande consumidora. Nesse ponto é que reside o conflito, pois os responsáveis pelas publicações para crianças e jovens encontram-se, às vezes, nesta difícil opção: publicar a vanguarda (textos inovadores, temáticas polêmicas da contemporaneidade), adequar-se às imposições das escolas (que solicitam temas para ser trabalhados em sala de aula às vezes sem explorar a literatura propriamente dita) ou, ainda, dos editais, cujas compras são feitas em números espantosos e fazem crescer a produtividade das empresas?

A escolha não é fácil, por isso deve ser refletida com cautela por todos, no sentido de se pensar que a função primeira da literatura (arte) é a formação do ser humano.

Pensar nesses textos *para a* e *na* escola é ter a responsabilidade de educar o olhar da criança e do jovem para que se tornem leitores plurais, futuros leitores de uma sociedade que tende a ser cada dia mais múltipla nos modos de vida e nas representações que constrói de si mesma.

Vê-se que a relação é conflituosa. Convide a toda a sociedade para apontar caminhos de resolução desse conflito.

\*José Nicolau Gregorin é mestre e doutor em Letras pela Unesp/Araraquara, docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo e docente e coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP.





\*Mario Sergio Cortella é filósofo, com mestrado e doutorado em Educação pela PUC-SP, na qual atua desde 1977, e é professor-titular da pós-graduação em Educação.

# A ética e a morada do humano\*\*

“

**Ética é a possibilidade de recusar a falência da liberdade (...).**

”

A ética, como proteção da integridade, é essencial para não nos apequenarmos. O esboroamento da integridade pessoal e coletiva é a incapacidade de garantir que a “casa” fique inteira, e para compreender melhor a ideia de “casa íntegra”, vale fazer um breve passeio pelas palavras.

Talvez as pessoas que estudaram um pouco de etimologia se lembrem de que a palavra “ética” vem para nós do grego *ethos*. Mas *ethos*, em grego, até o século VI a.C., significava “morada do humano”, no sentido de caráter ou modo de vida habitual, ou seja, o nosso lugar. *Ethos* é aquilo que nos abriga, aquilo que nos dá identidade, aquilo que nos torna o que somos, porque a sua casa é o modo como você é, onde está a sua marca.

Mais tarde, esse termo, para designar também o espaço físico, foi substituído por *oikos*. Aliás, o conhecimento mais valorizado naquela sociedade grega era o que cuidava das regras da casa, para a gente poder viver bem e para deixar a casa em ordem. Como “regra” ou “norma” é designado pelo vocábulo *nomos*, passou-se a ter a *oikos nomos* (a economia) como a principal ciência.

Mas a noção original de *ethos* não se perdeu, pois os latinos a traduziram pela expressão *more*, ou *mor*, que acabou gerando para nós também uma dupla concepção. Uma delas é morada, e a outra, que vai ser usada em latim, é o lugar onde você morava, o seu *habitus*. Olha só, aquela expressão “o hábito faz o monge” não tem a ver com a roupa dele, *habitus*. *Habitus* é exatamente onde nós vivemos, o nosso lugar, a nossa habitação.

Assim, quando se pensa em ética e produção do conhecimento hoje, a grande questão é: como está a nossa possibilidade de sustentar nossa integridade? E como essa integridade se coloca?

A integridade da vida individual e coletiva, a integridade daquilo que é mais importante, porque uma casa, *ethos*, tal como nós colocamos, é aquela que precisa ficar inteira, é aquela que precisa ser preservada.

Como está a morada do humano? Essa morada do humano desabriga alguém? Tem alguém que está fora da casa, tem alguém que está sem comer dentro dessa casa? Tem alguém que está sem proteção à sua saúde, tem alguém que está sem lazer dentro dessa casa? Essa morada do humano é inclusiva ou exclusiva? Essa morada do humano lida com a noção de qualidade em ciência ou lida com a noção de privilégio? Cuidado. Uma coisa que ainda se confunde muito em ciência é qualidade com privilégio. Como dissemos no início deste livro, qualidade tem a ver com quantidade total, qualidade é uma noção social, qualidade social só é representada por quantidade total, qualidade sem quantidade não é qualidade, é privilégio. Todas as vezes que se discute essa temática aparece a noção de uma qualidade restrita, e qualidade restrita, reforçemos, é privilégio. Nesse sentido a grande questão volta: será que na morada do humano alguém está desabrigado? Será que essa casa está inteira, ela está em ordem nessa condição?

Nesta nossa casa, quando a gente fala em cuidado é o mesmo que falar em saúde; aliás, quando digo “eu te saúdo” ou, ainda, “queria fazer aqui uma saudação”, etimologicamente é a mesma coisa. Saudar é procurar espalhar a possibilidade de cuidado, de atenção, de proteção. Nossa casa, que casa é essa? Há nela saúde? A ética é a morada do humano, essa casa é protegida como? Qual é o lugar da ciência dentro dela? Qual o papel que ela desempenha? Qual é a nossa tarefa nisso, para pensar exatamente aquelas três

questões: posso, devo, quero?

É claro que essas questões e suas respostas não são absolutas, elas não são fechadas, elas são históricas, sociais e culturais. A mesma pergunta não seria feita do mesmo modo há vinte anos. A grande questão no nosso país há cento e cinquenta anos era se eu podia açoitar um escravo e depois cuidar dele ou só açoitá-lo e deixá-lo para ser cuidado pelos outros.

Quando se pensa na manutenção da integridade, do devo, posso e quero, a grande questão, junto com essa tríade, é se nós a estamos dirigindo, como critério último, para a proteção da morada do humano, da morada coletiva do humano. Afinal de contas, não somos humanos e humanas individualmente, nós só o somos coletivamente. Fala-se muito em vivência ao nos referirmos à vida humana; no entanto, o mais correto seria sempre dizer convivência, pois, repita-se, ser humano é ser junto.

Desse modo, a noção de *ethos*, a noção de morada do humano, oferece um critério para responder ao posso, devo e quero, que é: protejo eu a morada ou desprotejo? Incluo ou excluo? Vítimo ou cuido?

Em um livro delicioso e de complexa leitura, Enrique Dussel escreve no *Ética da libertação* um percurso da história da ética no mundo. Começa exatamente mostrando o lugar que a reflexão ética ocupa na história humana, mas ele vai concluir com algo que alguns até achariam curioso hoje: ele não aceita a noção do termo exclusão, ou falar em excluídos, porque acha que a noção de excluído é muito pequena e insuficiente. Dussel, ao pensar a ética e

os processos sociais, econômicos e culturais, trabalha com a noção de vítimas: as vítimas do sistema, as vítimas da estrutura. Pensa ele que quando se fala em excluído, dá-se a impressão de que é uma coisa um pouco marginal, lateral, enquanto que vitimação é uma ideia mais robusta e incisiva.

A principal virtude ética nos nossos tempos, para poder manter a integridade e cuidar da casa, da morada do humano, é a incapacidade de desistir, é evitar o apodrecimento da esperança, é evitar aquilo que padre Antônio Vieira começava dizendo em um de seus sermões: “O peixe apodrece pela cabeça”. Já viu um peixe apodrecer? Tal como algumas pessoas, ele apodrece da cabeça para o restante do corpo...

Ética é a possibilidade de recusar a falência da liberdade, a ética é a nossa capacidade de recusar a ideia de que alguns cabem na nossa casa, outros não cabem; alguns comem, outros não comem; alguns têm graça e outros têm desgraça.



\*\*Excerto organizado pelo autor e retirado de CORTELLA, M. S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 13ª ed., São Paulo: Cortez, 2009.

# CONFLITOS NA ESCOLA



A coleção “Conflitos na Escola” é um instigante convite a todo educador apaixonado por seu trabalho! Somos chamados a pensar em como lidamos com conflitos na escola e a revisitar nossas salas de aula e algumas das situações por que passamos com nossos estudantes; a nos colocar defronte de nós mesmos e nos questionar sobre algumas de nossas ações pedagógicas. Telma Vinha, professora e doutora em Educação pela Unicamp, é quem nos faz esse convite, reforçado em cada um dos quatro DVDs a que assistimos. Como em um gostoso bate-papo, ela exemplifica situações. E com isso temos a certeza de que estamos participando ativamente de um diálogo, tamanha a clareza com que Telma Vinha nos fala e nos insere na conversa.

A coleção não tem uma ordem que devemos seguir para

acessar seus conteúdos, mas todos os DVDs têm um mote comum: como poderemos, a partir de situações conflituosas na escola, formar ética e humanisticamente as crianças e os jovens? A partir daí, a professora discorre sobre *Regras e Princípios*, *Formação de Valores*, *Conflitos=Aprendizagem* sob uma *Perspectiva Construtivista dos Conflitos*.

No DVD *Conflitos=Aprendizagem*, Telma Vinha apresenta o receio dos educadores em lidar com conflitos, insegurança esta que os faz utilizar expedientes para minimizar a ocorrência deles no ambiente escolar. O estabelecimento de regras e normas é uma dessas medidas. Para evitar que os meninos fiquem batendo uns nos bonés dos outros, proíbe-se o uso do acessório, por exemplo. Compreende-se o conflito como uma situação antinatural que deve ser extirpada do ambiente escolar.



Entretanto, como se pode aprender para a vida se os seus aspectos não estão presentes na experiência diária? Será possível prever todas as situações de conflito que podem acontecer na vida de uma criança, em todos os ambientes pelos quais ela circula? Neste DVD, Telma nos instiga a pensar os conflitos como situações naturais humanas passíveis de soluções éticas e saudáveis.

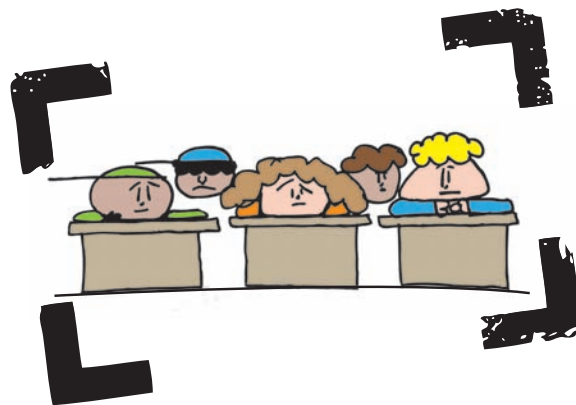
Em *Perspectiva Construtivista dos Conflitos*, Telma reforça a ideia de que o conflito é uma situação natural, presente nas relações humanas, e da qual ninguém deve fugir, senão aprender a lidar e a torná-lo uma fonte de aprendizado. Para conceber o conflito dessa maneira faz-se mister, segundo Telma, uma mudança de paradigma, de concepção de educação. É preciso compreender que situações conflituosas fazem parte da formação do ser humano e que a escola — espaço, por excelência, de educação para a autonomia — é um lugar privilegiado para se trabalhar tais situações. A escola deveria possibilitar a resolução de conflitos de maneira criativa, legitimando os envolvidos em vez de empregar medidas arbitrárias.

Sempre contextualizando suas colocações no ambiente escolar, Telma nos apresenta o modo como *Regras e Princípios* relacionam-se entre si e como estão presentes na escola. Quando as regras são criadas sem uma vinculação clara com seus princípios norteadores, dificilmente poderão colaborar para uma formação ética e para a resolução positiva de conflitos. Ora, é preciso entender o porquê de uma regra para respeitá-la



e não somente cumpri-la. A autora nos fala de regras negociáveis (a criança poder escolher o casaco que quer usar quando estiver chovendo) e regras inegociáveis (a criança ter de usar um casaco quando chover, pois é uma questão de saúde — uma regra inegociável). Telma alerta sobre o risco de estipularmos regras com foco nas conseqüências dos atos e de esquecermos

que devemos olhar para as causas — o que motiva o conflito. A regra surge como um daqueles expedientes para evitar situações de conflito, como se estas fossem maléficas ao crescimento humano.



Avançando nesse caminho, a professora apresenta a *Formação de Valores*, uma das tarefas a serem cumpridas no ambiente escolar. A atribuição de valores depende, também, da maneira como o outro (no caso da escola, o educador) lida com situações conflituosas. É importante que o sujeito — a criança, o jovem — experimente sensações prazerosas, de bem-estar, quando seguir valores morais. Conforme apresenta Telma, seguimos valores mesmo nas situações em que poderíamos ser prejudicados (por exemplo: uma criança, mesmo sabendo que poderá ter seu pedido negado, prefere contar à mãe que irá ao parque com o amigo a arriscar perder a confiança dela — um valor moral). Isso se deve ao fato de termos experimentado sensações prazerosas anteriormente. A formação de valores se refere à questão de identidade pessoal.

Nestes quatro DVDs, Telma Vinha nos brinda com seu modo claro e acolhedor de tratar as questões educacionais a partir de uma concepção construtivista dos conflitos. Ela apresenta muitos exemplos da prática escolar, sendo sua discussão boa alternativa para ser apresentada a estudantes em formação das áreas de psicologia escolar e de formação de professores. Telma nos faz este convite, como disse, instigante (e fica ao nosso encargo a inevitável condição para aceitá-lo): fazer de nossas salas de aula, de nossas relações com os estudantes e com os funcionários da escola, de nosso modo de fazer educação, um prazeroso e igualmente instigante cotidiano.

E sigamos construindo juntos!

\*Verussi Melo de Amorim é psicóloga, mestra em Educação, coordenadora pedagógica da rede Educare e professora na Universidade Paulista (Unip), em São Paulo.

Por Marta de Oliveira Santos Siqueira

### Projeto Além das Letras – Livro Vivo

Os estudantes de primeiro, segundo e terceiro anos do primeiro ciclo da Escola Municipal Professora Ana Guedes Vieira – Anexo I, situada no bairro Nova Contagem, município de Contagem/MG, participaram do projeto “Livro Vivo” realizado pela Seduc em parceria com a PAULUS Livraria. O projeto foi pautado pelos seis livros do *kit* literário de contos clássicos, procurando estabelecer relação entre as próprias experiências do aluno com o seu universo coletivo e imaginário. As atividades desenvolveram-se com a colaboração da professora Maria Aparecida Nunes e estiveram sob a coordenação pedagógica de Marta de Oliveira Santos Siqueira, que propuseram um plano de ação para a execução.

#### Apresentação

O trabalho possibilitou aos estudantes uma leitura que fosse além dos textos, permitindo-lhes refletir sobre o que há “por trás das letras”.

#### Justificativa

Para que o projeto pudesse ser realizado de forma integrada e participativa, decidiu-se que os professores trabalhariam em parceria entre si e incumbiriam aos estudantes as escolhas dos livros trabalhados em sala de aula. O fio condutor dos trabalhos foi o livro *O grãozinho de areia em cordel*, de Fernando Paixão. A partir dele, os outros foram apresentados e explorados com as turmas.

A historinha foi musicada e contou com a participação dos alunos dos três anos do ciclo na abertura do projeto.



#### Objetivos

- Apresentar a leitura como fonte de saber e prazer, atividade essencial à integração social e mediadora de valores;
- Propor uma prática de leitura pautada na capacidade do estudante para compreender textos orais e escritos;
- Possibilitar a produção de textos a partir de situações de vida de cada jovem, sendo sua

compreensão resultado da interação entre o conhecimento de mundo e a informação contida no texto.

#### Metodologia — Plano de ação

- Apresentação do projeto aos professores;
- Elaboração de critérios para o desenvolvimento do projeto;
- Escolha do livro fio condutor do trabalho;
- Desenvolvimento das ações (atividades com os livros em sala de aula).

#### Trabalhos realizados pelos estudantes

- Reconto em HQ (história em quadrinhos);
- Radionovela;
- Minilivros ilustrados;
- Álbum seriado;
- Dedoche;
- Teatro: “Dialogando com os personagens dos clássicos”;
- Trilha literária;
- Caixa de leitura: “Por trás das letras”;
- Poema musicado

#### Avaliação

Esse trabalho permitiu aos nossos estudantes apreenderem o ato da leitura como experiência significativa, prazerosa e plena, ultrapassando a mera decodificação do texto; também possibilitou-lhes a compreensão da variada linguagem intertextual existente por trás das palavras.

Dessa maneira, verificou-se que a leitura se faz importante, pois traz benefícios inquestionáveis ao ser humano. É um modo de lazer e prazer, de adquirir conhecimento, de enriquecimento cultural e de ampliação das condições de interação social.

Sendo assim, acreditamos que o fomento do interesse e da prática da leitura pode contribuir para o sucesso dos sujeitos como construtores do próprio conhecimento.





## Concurso convida a ler e a escrever sobre como cuidar da vida

Após chamar estudantes e professores para confidenciar seus sonhos e desejos sobre o melhor lugar do mundo, o concurso cultural “Ler e escrever é preciso” convida, em sua sétima edição, a ler, refletir e escrever sobre o tema “Vamos cuidar da vida”.

As ideias de coautoria e cuidados são os fios condutores da proposta. O Ecofuturo sugere que a literatura seja uma base para conversas e experimentos capazes de facilitar e enriquecer a produção de textos.

E para incrementar o trabalho a ser desenvolvido, atualizou o acervo de sua biblioteca virtual com duas publicações inéditas: vinte escritores e personalidades que fazem a diferença foram convidados a participar do livro eletrônico *Cuidados com a vida*. A escritora Heloísa Prieto resgatou o sentido de cuidado presente nas redações premiadas dos concursos anteriores para compor o livro *Fazendo mágica com as palavras*, um importante exercício de escuta para professores dialogarem sobre o tema com seus alunos.

Pela primeira vez, o concurso será 100% digital, com materiais de apoio e envio de redações pela Internet. As inscrições já começaram e vão até o dia 30 de junho.

O concurso está aberto para alunos e professores dos Ensinos Fundamental e Médio e de Educação de Jovens e Adultos. Também podem participar professores da Educação Infantil. Nesta edição, o concurso ganha uma nova categoria de participantes, voltada a profissionais de bibliotecas e educadores sociais.

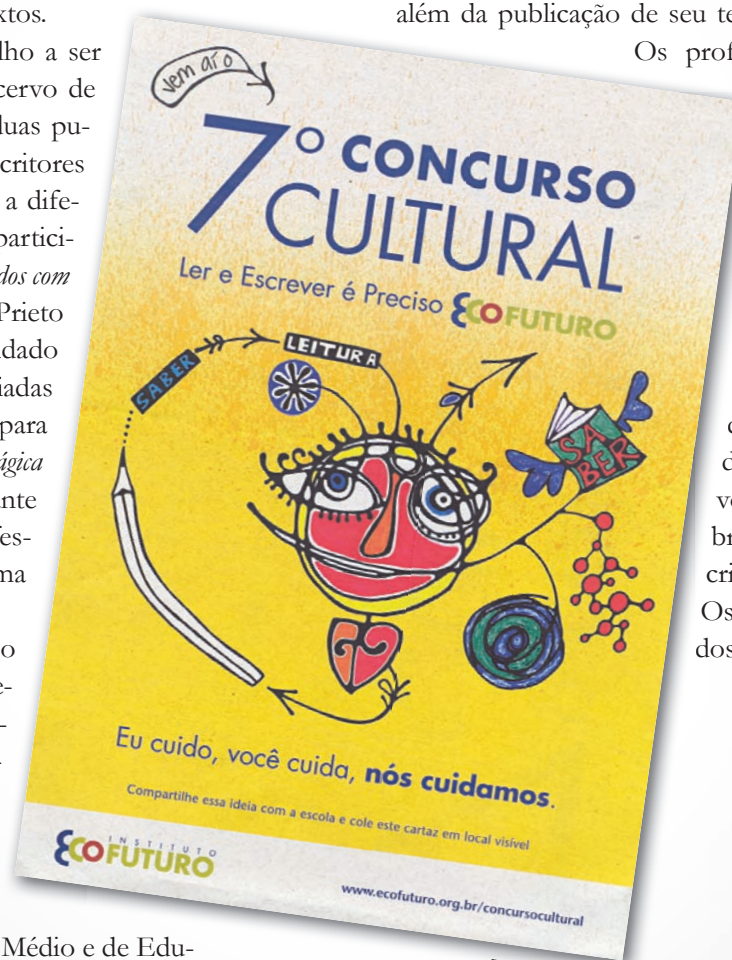
Em sua última edição, em 2007, o Instituto Ecofuturo recebeu cerca de 30 mil redações de todos os estados brasileiros. Neste ano, o Ecofuturo convidou 70 mil escolas, 5 mil bibliotecas e 600 organizações sociais para o exercício de pensar ações cuidadosas que se pode ter com a vida.

Os três primeiros colocados de cada categoria ganham *notebook*, troféu, conjunto com cinco livros, camiseta, *ecobag*, certificado e participação no evento cultural em São Paulo, além da publicação de seu texto em um livro coletivo.

Os professores orientadores dos alunos vencedores e as instituições pelas quais os participantes se inscrevem também receberam prêmios.

Os textos serão analisados por um grupo de jurados formado por especialistas de diversas áreas de atuação profissional e de formação, cujo objetivo é revelar redações que brilhem em originalidade e criatividade.

Os resultados serão divulgados em novembro deste ano.



Fotos: Divulgação



Informações adicionais podem ser obtidas no site:  
[www.ecofuturo.org.br/concursocultural](http://www.ecofuturo.org.br/concursocultural)



### Onde fica o meio ambiente?

Shirley Souza



O livro conta a história de quatro estudantes: Larissa, Norio, Luana e Diego. Embora tenham personalidades diferentes, eles precisam se reunir para realizar um trabalho escolar em defesa do meio ambiente. Durante o projeto, os jovens deixam as diferenças de lado e descobrem que o trabalho individual é importante, além de verem como é necessário conscientizar mais pessoas sobre os problemas enfrentados pelo planeta.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

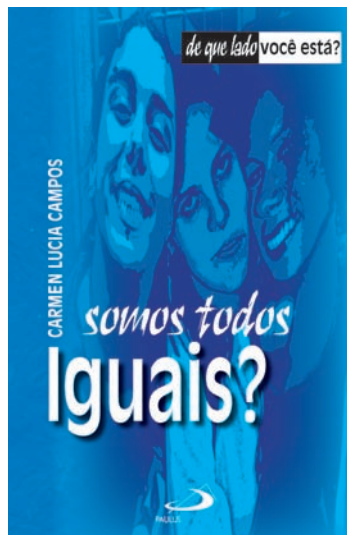
Páginas: 88

#### Por que ler?

O leitor é incentivado a praticar algumas ações (pesquisas de opinião, campanhas de conscientização, abaixo-assinado) e a acompanhar alguns sites, como o do Greenpeace e o do SOS Mata Atlântica, que sugerem ao internauta práticas sustentáveis. Além disso, a obra conta com boxes coloridos sobre diversos temas relacionados ao assunto: o papel das ONGs na preservação do planeta, a importância da coleta seletiva e a história da degradação de um dos principais rios de São Paulo, o Tietê.

### Somos todos iguais?

Carmen Lucia Campos



A obra narra a história de dois primos com personalidades diferentes. Nei é responsável, estudioso e sonha em formar-se em engenharia, enquanto a prima, Luciana, adora estar na moda e pretende se tornar uma modelo de muito sucesso. Ambos estudam na rede pública e têm a oportunidade de aprender alemão, sem nenhum custo, em uma escola particular da região. Durante o curso, os bolsistas começam a enfrentar algumas dificuldades, e não leva muito tempo para que eles se tornem alvos de piadas preconceituosas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 88

#### Por que ler?

O leitor é convidado a refletir sobre a diversidade encontrada nos indivíduos, responsável por proporcionar a evolução do conhecimento e também fonte de trocas de experiências e crescimento pessoal. O livro aborda o papel das ONGs nas comunidades carentes e os aspectos relacionados a todos os tipos de preconceito.

## O caminho do imaginário O processo de arte-terapia

Alexandra Duchastel



Psicóloga e terapeuta, Alexandra Duchastel apresenta a arte-terapia como a medicina da alma, uma via natural de cura psicoespiritual, que auxilia o gerenciamento das pessoas por elas mesmas. O livro traz um pouco do dia a dia da autora dentro dos consultórios, apresentando nestas páginas alguns dos seus atendimentos. Mostrá-los ao leitor o ajuda a entender um pouco mais sobre os aspectos positivos da arte-terapia: a cura de feridas agudas, a superação de bloqueios e a conexão das pessoas com sua sabedoria.

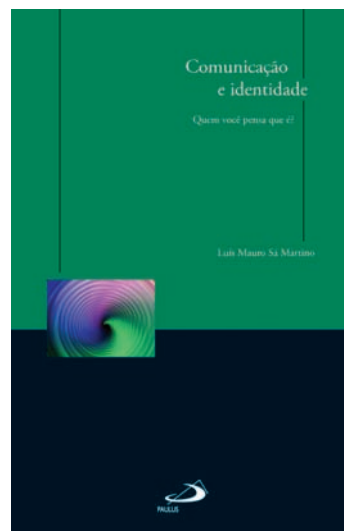
Formato: 13 cm x 20 cm  
Páginas: 232

### Por que ler?

Além dos relatos — chaves das reflexões propostas por Alexandra —, a obra oferece uma série de exercícios para praticar a arte-terapia, como a pintura em movimento. A partir dela, a autora sugere que o indivíduo sinta sua respiração, suas sensações e explore o espaço em que ele se encontra enquanto desenha.

## Comunicação e identidade Quem você pensa que é?

Luís Mauro Sá Martino



*Comunicação e identidade* não se trata de uma obra sobre quem se é, mas sobre como a identidade que chamamos de nossa tem sido construída a partir de inúmeras escolhas, acasos, problemas e soluções inventados na vida cotidiana. Ela oferece ao leitor um verdadeiro panorama a respeito das ideias sobre como se constrói e se define uma “identidade” por meio da comunicação.

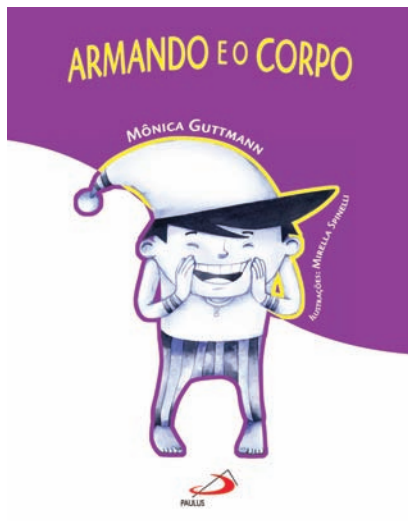
Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 224

### Por que ler?

Dividido em três partes, o livro aborda, entre outros aspectos, a criação do “eu” no ambiente virtual, inclusive nos *blogs*, páginas da Internet em que nossa intimidade é totalmente pública e permite a criação de um “eu” novo e melhorado. A obra também mostra as transformações na identidade pelo viés da comunicação, delineando como a cultura da mídia — desde a música brasileira e as canções dos Beatles até o futebol e o filme *Star Wars*, passando por Madonna, jogos eletrônicos e séries de TV — se articula com as práticas cotidianas.

## Armando e o corpo

Mônica Guttmann



Garotinho esperto e curioso, Armando se aventura em um grande desafio: conhecer o corpo humano e entender as mensagens que ele nos envia. O primeiro órgão a se manifestar é seu coração, que bate bem forte e cheio de ritmo para lembrá-lo de que está apaixonado. O segundo é o estômago, que conta-lhe sobre a dificuldade de digerir os três hambúrgueres devorados no jantar. Em seguida manifestam-se o fígado, os rins, o intestino, os pulmões, a pele, os olhos e todo o resto do corpo.

Formato: 21,5 cm x 27,5 cm

Páginas: 32

### Por que ler?

Armando percebe que, muitas vezes, só lembra de seu corpo quando algum órgão resolve gritar de dor ou pedir socorro. Além disso, ele passa a reparar no quanto algumas pessoas prejudicam a saúde quando não praticam exercícios e comem excessos (fumo, bebida em demasia, má alimentação) ou quando são egoístas e pessimistas. A leitura também oferece sugestões de atividades lúdicas relacionadas ao nosso corpo. Elaborar uma história em quadrinhos em que os órgãos conversam entre si, modelar com argila algum personagem e discutir sobre como é o corpo dele estão entre elas.

## Villa-Lobos O maestro

Lúcia Fidalgo



Lúcia Fidalgo conta, em linguagem acessível para as crianças, a história do compositor Heitor Villa-Lobos, reconhecido por seu talento no Brasil e no mundo. O menino teve seu interesse despertado pela música ainda pequeno, quando aos seis anos ganhou de seu pai uma viola que, por conta do seu tamanho, precisou ser adaptada para poder estudar violoncelo. A partir daí, nascia um grande compositor. Villa-Lobos viajou pelo mundo levando em suas letras um pedacinho da cultura do nosso país.

Formato: 18,5 cm x 27,5 cm

Páginas: 16

### Por que ler?

As ilustrações de traços leves e cores fortes do livro contam ainda sobre seus casamentos, suas viagens pelo Brasil e exterior e também sobre sua contribuição com a educação no país. Além de a disciplina de música ter sido implantada nas escolas graças a ele, Villa-Lobos tornou-se superintendente de educação musical e artística do governo.



## O princípio da razão durante O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica Nova Teoria da Comunicação III – Tomo V

Ciro Marcondes Filho



Ciro Marcondes Filho, referência na comunicação, apresenta nesta obra um novo estudo sobre a área. O livro introduz o leitor à temática seguindo as ideias de diversos estudiosos, como Marcel Proust, Soren Kierkegaard e Gilles Deleuze, e propõe meditações sobre a trivialidade das comunicações e seu modo de funcionamento, próximo ao de um mecanismo de conservação e tranquilização.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

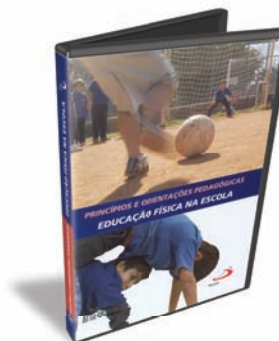
Páginas: 392

### Por que ler?

A obra analisa outros tipos de comunicação que podem ser estabelecidos em simples ações do dia a dia, como se apresentar a um desconhecido e as ferramentas de comunicação eletrônica — *e-mails* e programas de mensagens instantâneas. O autor explica que, diferentemente do que se previa há alguns anos — em que se imaginava uma sociedade se comunicando apenas por ícones eletrônicos —, o que se vê atualmente é uma escrita incorporada a outras formas de linguagem, representativa de estados de espírito e emoções.

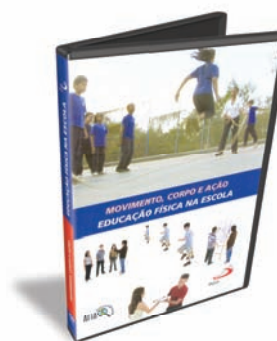
## Coleção de DVDs Educação Física na Escola

Edison de Jesus Manoel, José Elias de Proença  
e Osvaldo Luiz Ferraz



### Princípios e orientações pedagógicas

Duração: 68 min.



### Movimento, corpo e ação

Duração: 35 min.



### Finalidades e possibilidades

Duração: 50 min.

A Educação Física contribui para o desenvolvimento motor e também intelectual de crianças e jovens. Ao longo do tempo, ela passou por diversas transformações em razão da história e de distintas culturas e formas de olhar tanto o homem quanto o mundo. Sua prática é essencial nos dias de hoje, e por isso requer clara distinção entre o conhecer e o fazer para ser realizada de maneira efetiva.

### Por que assistir?

A coleção, composta por quatro DVDs, aborda várias vertentes da temática. Explica desde a sua parte teórica, consolidando a didática a ser transmitida, até a importância da inseparabilidade entre corpo e mente. Ótimo instrumento para que o educador possa aprimorar seus conhecimentos.

# Estudar nem sempre é divertido

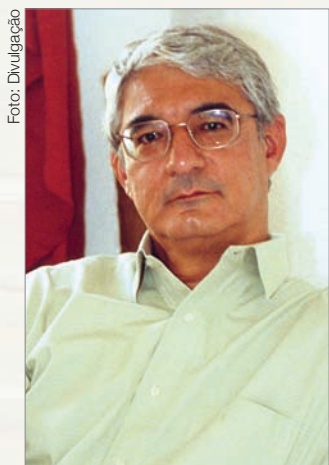


Foto: Divulgação

\*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

A questão do nível de ensino no Brasil envolve múltiplos aspectos. É claro que há o problema das deficiências dos professores, das instalações escolares, da falta de recursos modernos. Existe também a desvalorização da carreira docente, que afasta muitos jovens talentosos do magistério.

Mas não podemos nos esquecer de um aspecto cada vez mais evidente: o desinteresse pelo estudo de um grande número de estudantes, senão da maioria. Estudar dá trabalho. Aplicar-se nos estudos significa dedicar tempo aos livros, à reflexão. Significa reduzir as horas de convívio com os amigos, diminuir muito ou mesmo cortar, por algum tempo, as festas e baladas, que não só tomam uma parte preciosa do tempo que seria destinado aos estudos como provocam desgaste físico, pela perda de horas de sono e descanso. Comparando a vida social de um estudante brasileiro do Ensino Médio e da universidade com o que ocorre em países onde o estudo é levado a sério, é enorme a diferença de horas de uns e outros dedicadas à leitura, à pesquisa e ao desenvolvimento intelectual.

Fala-se muito em motivar o aluno, em apresentar aulas interessantes, movimentadas, em facilitar a aprendizagem etc. É claro que tudo isso é válido, sem dúvida, mas é preciso entender que nem sempre aprender é divertido. Nem sempre é possível converter um de-

terminado assunto ou conteúdo em atividades lúdicas, em que se aprende brincando. Há momentos em que é necessário haver concentração, leitura atenta, raciocínio. E isso cansa. Mas esse tipo de esforço é importante para formar um aluno crítico, para desenvolver sua autonomia intelectual.

Sem esforço pessoal, nada se aprende, em qualquer atividade. Quem quiser ser um bom pianista, vai ter que praticar bastante; quem quiser ser um bom nadador, deverá treinar muito; quem quiser falar bem inglês, vai ter que ler e estudar com afinco. A escola deveria conscientizar mais os alunos sobre a importância da persistência, da dedicação, da perseverança. Os professores e os pais deveriam inculcar nas crianças, desde as primeiras séries, a consciência de que aprender requer esforço. Não se pode enganar os alunos dizendo que tudo é fácil, que eles sempre vão ter aulas divertidas. Não foi brincando que a humanidade conquistou conhecimentos, que a ciência avançou, que as artes se desenvolveram. Meus alunos de redação muitas vezes reclamam de que escrever um bom texto dá muito trabalho. E eu digo a eles: é isso mesmo, dá trabalho. Por isso, não pensem que alguém vai conseguir produzir bons textos sem esforço, sem escrever e reescrever várias vezes, sem consultar dicionários. Mas todo esse empenho é recompensado com a aquisição de habilidades que eles vão poder utilizar pelo resto da vida.

Mudar essa postura é muito difícil. E mudar não significa que o estudante precise virar um monge, mas entender que, sem dedicação e responsabilidade, os anos de escola podem ser completamente perdidos, comprometendo não só o seu futuro profissional como até sua qualidade de vida. Hoje, obter um diploma não garante nada, se ele não for acompanhado de conhecimento. Se não houver essa mudança de postura por parte do aluno, o sistema escolar brasileiro não vai conseguir chegar nem perto do nível dos países desenvolvidos. E quem se prejudica, no fim das contas, é o próprio estudante.



Foto: Photopress





# CAMINHOS SEGUROS PARA UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SÁDIA.



184 págs.

## LOGOTERAPIA E EDUCAÇÃO

*Bruno F. Damásio, Jailson R. da Silva e Thiago A. Avellar de Aquino (orgs.)*

A obra estabelece um diálogo com a logoterapia, cujo principal objetivo é analisar a motivação primordial do ser humano e o ambiente escolar. Os autores também fazem um paralelo teórico entre a visão de educação libertadora de Paulo Freire e a proposta existencial do psiquiatra Viktor Frankl.



120 págs.

## OS AMIGOS DE MEUS FILHOS

*Carmen Guaita*

O convívio com os colegas colabora para a formação e o desenvolvimento da personalidade dos jovens. Mas se tal processo não for acompanhado de perto, pode trazer em seu bojo certas ameaças e aflições. É sobre essa temática que a autora pretende tratar, mostrando aos pais a importância de se fazerem presentes no crescimento dos filhos.

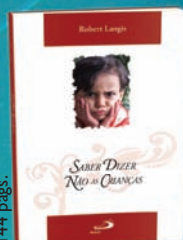


76 págs.

## EDUCANDO E CONVIVENDO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

*Janet Marize Vivan*

Educar crianças e adolescentes, obtendo resultados positivos, é hoje uma das tarefas mais desafiadoras. O leitor encontrará relatos e experiências de adultos, crianças e adolescentes sobre suas vivências no processo de educar e aprender.



144 págs.

## SABER DIZER NÃO ÀS CRIANÇAS

*Robert Langis*

Em vez de tecer elogios a uma autoridade dominadora e opressiva, como a que prevalecia há não muito tempo, o autor Robert Langis sugere uma autoridade sádia e eficaz, na qual a felicidade da família, a colaboração e o respeito mútuo podem coexistir.



232 págs.

## O CAMINHO DO IMAGINÁRIO

*O processo de arte-terapia*

*Alexandra Duchastel*

O presente trabalho visa, primeiramente, suscitar uma reflexão sobre a maneira de abordar e de habituar o poder curador da arte e do imaginário em nossa vida. A partir de alguns relatos colhidos, a autora oferece uma série de exercícios que ajudam o leitor a praticar a arte-terapia.



96 págs.

## TECNOLOGIAS E CURRÍCULO: TRAJETÓRIAS CONVERGENTES OU DIVERGENTES?

*Maria Elizabeth B. Almeida e José Armando Valente*

Este livro surgiu de uma necessidade evidenciada em sala de aula sobre os usos das tecnologias na Educação e sobre como integrá-las ao currículo. Entre os vários pontos discutidos pelos autores, encontramos considerações a respeito da concepção de currículo e das novas facilidades oferecidas pela Web 2.0.



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)







**Armando aprendizagens,**



**Armando descobertas,**



**Armando curiosidades...**



Que a PAULUS possui um dos catálogos infantojuvenis mais completos do mercado editorial já não é dúvida para ninguém. O segredo são as coleções infantojuvenis, com histórias feitas sob medida para os nossos leitores mirins. Uma das preferidas entre a garotada é a coleção **Armando**, nome de um esperto e curioso garotinho que aprende, em suas aventuras, a lidar com o tempo, os sonhos, o espaço, as diferenças e o seu próprio corpo. Ele está louco para ser seu amiguinho! Só não vale armar confusões com tantas descobertas que farão juntos.



**Só não vale armar  
desculpas para não ler!**



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS